

ções, bem como entre os indivíduos, o vínculo de união, e amizade, tem vindo a ser o mais fecundo manancial de discórdia, e animosidade. Talvez o tempo inste, em que a Europa, que já aprendeu dos portugueses a navegação do mundo inteiro, que despertou em todos os espíritos o desejo de participar no comércio universal, veja no Brasil realizadas as sólidas lições de filantropia, e regime social, que deu aquele grande mestre. Em agradecimento do ensino que achei no seu livro de ouro, o chamei *Farrêla Polui, Sacerdote da Justiça Civil, e benem que fallava à Terra para pôr ordem aos negócios da sociedade, e dar aos imperiaes uma firmeza, e esplendor*.¹⁶ Se o seu sistema fosse entendido, não veríamos na Europa as misérias que testemunhamos.

Ele fez justiça à nossa nação; e até por este motivo, me comprazo de seguir as suas pisadas, e propagar, quanto puder, as suas nobres doutrinas. Espero que os leitores benignos atendam com prazer às seguintes reflexões deste escriptor, uma das grandes honras da nação britânica.

"Os portuguezes completaram o curso de descobrimentos, que haviam prosseguido com grande firmeza por um século... A descoberta da América e a da passagem às Índias Orientais pelo Cabo da Boa Esperança são os dois mais importantes successos que se recordam na história do género humano. As suas consequências têm já sido muy grandes; mas é impossivel que se tenha visto a extensão das mesmas. Que beneficios, ou que infortúnios hão de daí resultar, nenhuma sabedoria humana pode prever. Unindo-se assim as mais distantes partes do mundo, habilitando umas a suprir as carências das outras, aumentar seus gozos, e animar a reciproca industria, a geral tendência daquelles successos deveria ser benéfica a todos. Mas os beneficios que daí deveriam resultar foram submergidos, e perdidos em terríveis calamidades. Essas porém provieram mais de causas accidentais que da natureza de tais successos. A superioridade dos europeus era a esse tempo tão grande, que puderam cometer com impunidade toda a sorte de injustiça. Talvez, com o andar dos tempos, todas as partes do mundo cheguem a tal igualdade de valor, e força, que as nações sejam obrigadas a respeitarem-se reciprocamente, guardando seus mútuos direitos; e nenhum meio parece mais próprio a estabelecer esta igualdade do que a mútua comunicação de conhecimentos, e de toda a sorte de melhoramentos, que a franqueza do comércio universal deve necessariamente produzir".¹⁷

¹⁶ *Principios de Economia Política*, página 23, Prólogo, página 8.

¹⁷ Liv. 4, cap. 7.

PARTE SEGUNDA

*"E sendo avião que o nó heita amizade
Entre vós firmemente permanez,
Farái prouto a toda a adverbidade,
Que por guerra na teu Reino se opeya
Com gente armata, e Naus de qualidade
Que por fumaça te tenha, e te combeya."*

Camões, *Luclada*, VII, 63

Os ingleses não me são conhecidos por injúria, ou beneficio. Sendo o seu governo o sempre fiel amigo e aliado da Coroa portugueza, é natural que todo o patriota sinta predileção pela Grã-Bretanha. Os que amam a hierarquia, e fazem votos para o progresso da civilização, talvez não possam deixar de ter alguma parcialidade por este país, como pátria dos sábios, artistas, e argonautas, mais úteis ao género humano. Além disso os notórios successos, que ocasionaram a resolução de s. a. r. de vir para os seus Estados da América, devem ter excitado geralmente os dignos sentimentos que inspira a lealdade de um soberano, e povo de altos pensamentos, e de tão grandes leitões. Faço esta apologia antes de entrar na discussão seguinte, porque receio que a proposição, que vou demonstrar, pareça não só paradoxal, mas também extravagante, aos preoccupados com sinistras impressões dos escritos cavilozos, e incendiários destes miseráveis tempos, em que até é de moda taxar de *Almogomaniá* aos que detestam a idolatria galicista, com todas as suas artes, e fascinações. Espero pois que os leitores cândidos me atendam com serenidade, e não julguem sem conhecimento de causa. Pode-se a cada um dizer — trata-se do teu negócio — é essencial ao bem público ir direito à verdade em tão poderosa matéria.

Se a franqueza do comércio com todas as nações é útil no Brasil, ella é imprescindível com os ingleses, por necessidade, interesse, política, e gratidão nacional.

Nas circunstâncias actuais, a necessidade de commercarmos com os ingleses é de intrínseca evidência; e de irresistível força das coisas. Que pessoa cordata o poderia contestar, vendo o geral interdito do comércio da Europa?

Depois é claro que, a não se admitir o comércio franco e legal, não se poderia impedir o clandestino e ilegítimo numa costa imensa, cheia de portos, baías, e surtidouros, tendo o país carência de tantos suprimentos, e vendo-se os ingleses na urgência de procurar extração aos produtos da sua indústria, com maior vivacidade que nunca, em todas as partes da terra. Assim o Estado ficaria privado de muita renda, a proibição não teria efeito, e dar-se-ia ansa a mil fraudes, prevaricações, e desordens de péssimo exemplo, e deastradas seqüências.

Além disso é fácil de prever os resultados políticos de tão infausito sistema. Uma simples momentânea hostilidade da Grã-Bretanha, a que deu causa o fecharem-se aos ingleses, pela violência da França, os portos do Reino, produziu logo males gravíssimos, que seriam os mais funestos, se a pronta reparação os não terminasse. E já inútil, e até indecente, insistir em tal objeto. Só observarei, que negar absolutamente o direito de comércio até aos amigos de fidelidade experimentada, repugna aos instintos da humanidade, e é próprio a irritar os ânimos com o mais exasperado ressentimento.

A história da descoberta da Índia subministra um ensino atendível. Quando o nosso almirante¹⁸ deu a sua embaixada ao imperador de Calcut, para ser admitido ao comércio do país, não obstante que porfiassem vedá-lo os mouros intrigantes, que haviam monopolizado o tráfico da Ásia, contudo o regedor do porto, ainda que de ânimo dissimulado e hostil, ordenou o embarque das mercadorias, como prova dos desígnios pacíficos dos que de tão longe vinham às terras estranhas. Camões¹⁹ consignou em seu poema essa anedota instrutiva:

"Diz-lhe que mande vir toda a fazenda

Vendível, que trazia, para terra,

Para que devagar se troque e venda;

Que quem não quer comércio, busca a guerra."

O interesse de commerciar-mos com os ingleses é manifesto.

É regra e prática mercantil, fundada no senso comum, e constante experiência, ser mais certo, extenso, e vantajoso o comércio que se faz com os indivíduos de países industriosos e ricos, do que com os indivíduos e países inertes e pobres. Que podem esses comprar e pagar senão valores grossei-

ros, e de pouca monta? O comércio não é mais que o câmbio de equivalentes. Quanto mais uma nação pode oferecer maior quantidade e variedade de equivalentes frutos de sua terra e indústria, tanto mais as outras acharão mais facilidade de efetua-rem com ela o troco recíproco de suas respectivas produções, e serão em seqüência animadas a prosseguir no respectivo trabalho e tráfico, e aumentar progressivamente o seu próprio capital, para ulteriores operações da geral energia.

A ordinária prudência e, por assim dizer, a sagacidade instintiva, dirige todas as pessoas a comprar o que precisam antes nas lojas de grandes sortimentos do que nas de inferior lote. Todos acham mais conveniente ter tratos e contas com negociantes de grosso capital, notório crédito, pontualidade nos ajustes, franqueza em dar abonos, fazer avanços, e, como vulgarmente se diz, *Homena de Livro Grande*, que compram muito, e podem vender, emprestar, e far a longos prazos, sendo credores benignos, e não traficantes necessitados, duros, e inexoráveis exatores.

Finalmente é sabido que, quanto maior é o número dos capitalistas nos países onde há regular administração da justiça, e não se dão monopólios, direitos, ou indretos, por autoridade pública (e só estes são substancialmente maléficis, e temíveis, pois os outros facilmente se rompem pela vigilância e enérgica ação do interesse dos competidores), estando o mercado aberto, de necessidade os que põem em giro os seus capitais, e tem maior soma de capitais a dispor, se devem contentar com menos benefícios, e todavia satisfazer com liberal mão os trabalhos das classes laboriosas, segurando sempre para si proveitos constantes; pois é fato universalmente experimentado que os grandes fundos crescem mais com pequenos, certos, e conlúvos ganhos, do que os ténues capitais com excessivos, precários, e fugitivos lucros.

Ora, todas estas circunstâncias se verificam, em grau eminente, a bem da nossa nação a respeito da nação inglesa, e, nesta parte comparadas as mais nações, nenhuma pode pretender superioridade, e nem ainda competência.

Não há quem duvide que presentemente a nação inglesa é a mais industriosa e rica da Europa, e que a sua indústria e riqueza vêm principalmente das fontes perenes (que nunca se exaurem) da sabedoria e regularidade do seu annual trabalho produtivo. Segundo a frase de um escritor francês deste século²⁰, em ponto de opulência, toda a comparação de Inglaterra ainda com a sua rival é um tormento.

¹⁸ Vasco da Gama, que chegou a Índia em 1498. (N. do org.)

¹⁹ *Lusitana*, VII, 92.

²⁰ Marchena, Prefácio à tradução da obra do dr. Clark sobre a opulência da Grã-Bretanha. Ele é conhecido por outras obras económicas.

Em indústria manufatureira, nenhuma se lhe emparelha. Ela para isso aproveita todas as idades, capacidades, e estações, empregando, quanto pode, em seu serviço os entes animados e inanimados, e até os elementos do ar, fogo, água etc. Enquanto as mais nações, e os seus estadistas, ainda disputam, se convém o uso das máquinas; porque (dizem) privam de trabalho, e pão a muita gente; os ingleses acham poucas quantas têm, e o seu governo premeia com profusão qualquer arte e máquina nova, e útil, e ainda qualquer considerável melhoramento nas já descobertas; que aumentam (como diz Smith) a *potência produtiva do trabalho*. Deste modo a sua população, e força, é artificialmente aumentada com os agentes, e força da Natureza, e está no país sempre vivo o espírito de invenção, e perfeccionismo.

Donde vem que os ingleses podem fazer tudo mais, e melhor, que os outros povos, e consequentemente rivalizá-los com vantagem, e ainda, sem alguma violência, excluí-los dos grandes mercados, pela comparativa barateza, e excelência de suas manufaturas, que são de mais solidez, universal uso, e do alcance das faculdades de pagar de maior número de indivíduos de todas as nações; sendo portanto a sua indústria mais benéfica à humanidade.

Para cúmulo de louvor da nação britânica nesta parte, bastaria dizer, que lhe pertence a honra (que ninguém lhe disputa) de ter domado o ferro, o pai das artes, a ponto de dar o valor de ouro a muitas obras deste metal, de que se fazem todos os instrumentos, que ajudam, e aperfeiçoam a tarefa da sociedade: principalmente os de náutica são tão primorosos, que até a França, ao principio da guerra revolucionária, e no maior paroxismo dos seus furros contra a Grã-Bretanha, proibindo a importação de todas as mercadorias inglesas, exceptuou aqueles instrumentos, com virtual confissão da respectiva superioridade.

A primazia da nação inglesa a este respeito é tão fora de questão, que até João Baptista Say²¹, actualmente o economista de maior crédito em França (que sem dúvida não quis lisonjear a Inglaterra, sendo um dos empregados públicos do presente governo do seu país), fazendo no livro 1º, cap. 19 judiciosas observações sobre o *particular génio de indústria*, que avaliza aquela nação, assim se explica.

Para se aperfeiçoar uma fábrica, ou para fazer as obras com discreta economia, vêm ao espirito de um inglês idéias que não ocorrem noutro país;

ou, se aí ocorrem, não fazem fortuna. Basta observar as cubas dos chapéus, em França são estreitas, e longas; muitos obreiros se arranjam de uma e outra parte, trabalhando penosamente, e mal; porque estando apertados, e sendo o seu trabalho vexado, fazem menos obra no mesmo tempo. O salário do dia não é menor, e o preço da mão-de-obra é proporcionalmente mais caro. Em Inglaterra esta mesma cuba tem uma forma redonda, que facilita aos obreiros o seu movimento, sem se causarem incômodo recíproco. O fogo, concentrado num fogão pouco extenso, faz com que se poupe o combustível, e se disipe menos calor. Até o fumo não é perdido. O tubo, que o conduz, passa através de uma peça, que está sobre a oficina, e o seu calor forma uma estufa com que os chapéus secam mais depressa.

Os ingleses além disso sabem tirar admirável proveito dos conhecimentos que têm nas artes de gosto (ainda que não possuam químicos tão eminentes como os da França) para darem a toda a sorte de manufaturas o irrisível atractivo da commodidade. Essas são agradáveis não só pelo desenho, cores, matizes etc. mas principalmente pelo seu préstimo. Elles preferem fabricar não o que convém a poucos ricos, mas o que toda a gente pode ter e pagar. Por isso fabricam as obras *em grande*, e inventam máquinas e moldes para fazerem tudo bom e barato, com o menor tempo e trabalho possível. Do que resulta que, em geral, as suas manufaturas são perfectas, e de incomparavelmente melhor mercado.

Os ingleses também excedem a todos os povos em espirito de empresa mercantil e naval. Os seus êmulos (que querem efeitos sem causas, e fins sem os próprios meios) até lhes lançam isso em rosto, argüindo-os de pretenderem invadir o comércio do mundo; como se fosse justa matéria de censurar a intensa actividade de suas especulações, e proeminente energia em persectarem e correrem por todas as partes da terra, com tanta despesa, e perigo de vida; estabelecendo incessantemente correspondências, e feitorias para o mais rápido giro dos seus negócios. Nenhum dos commerciantes tem melhor, nem mais firmemente, que os ingleses reconhecido a importância de tratar verdade nas transações civis, para se obter a confiança dos homens, e consequentemente se acharem mananciais de opulência, até com o manejo e crédito da posse de capitais alheios, espontaneamente cometidos. Daí procede a riqueza das grandes casas hereditárias de comércio da Inglaterra.

Deve-se especialmente aos ingleses o estar a ciência do comércio na altura em que se vê; pois nenhuma nação tem investigado com mais insaciável curiosidade os inumeráveis artigos de produções naturais, ou industriais, lugares de seu nascimento, fabrico, e transporte; e bem assim os tempos, e ler-

²¹ Jean-Baptiste Say (1767-1832), autor de *Traité de Economia Politique* (1803), entre outros trabalhos. Divulgou na França as idéias de Adam Smith e também criou escola própria, exercendo grande influência sobre o pensamento económico. (N. do org.)

mos mais favoráveis ao mercado. O direito, e a economia mercantil está ali no seu auge.

Enquanto as mais nações até bisonham de preferirem a agricultura a todos os ramos da indústria (sem conhecerem que a extensão e perfeição da própria agricultura, e das manufaturas mais refinadas, não é tanto a causa como o efeito de um comércio vasto e irrestrito), e até algumas, ou desprezam o mesmo comércio (sobretudo o estrangeiro), ou o têm como objeto secundário; a Grã-Bretanha o considera como o emprego primário do país, e o fundamento principal da própria potência. O seu governo tem tudo subordinado aos interesses do comércio, e navegação, que não só mantém, e amplifica todos os mais ramos do geral trabalho da nação; mas dá o inexpugnável baluarte da defesa do Estado, e atrai o respeito dos outros governos. Os seus filósofos, historiadores, políticos, poetas, e novelistas, têm conspirado a pôr nisto o transcendente carácter nacional.

Por este sistema inalterável se levantou e estabeleceu a preponderância marítima, e imensa influência, que a Grã-Bretanha tem adquirido, não só no continente europeu, mas também em quase todo o globo, e que hoje produz tantas invejas, ameaças, imprecações, e raiva impotente. Mas, bem analisadas as coisas sem espírito de partido, o crime de que se acusa a nação inglesa com tais odiosos epítetos vem a ser a superioridade de sua inteligência em conhecer os elementos sociais, e a incomparável perspicácia e perícia em aproveitar-se, para avançar mais longe, dos crassos erros económicos, e políticos dos outros Estados.

Não digo que ela seja o tipo da perfeição da sociedade, pois ainda tem muito grandes e capitais defeitos, que Smith apontou; e, por ora, nenhum povo tem sido canonizado no conclave da filantropia; porém, comparativamente às mais nações, ela pode intitular-se a mestra, e a imaculada na ciência da riqueza, e na arte das artes de reger homens; pois sabe formar na sua gente um espírito público do mais exaltado patriotismo, que emula, senão sobreexcede, o dos antigos romanos; e é impossível que existisse, se as leis não fossem as mais liberais, e fatores de prosperidade dos indivíduos.

Nenhuma nação tem como a Grã-Bretanha achado os meios de aproximar os produtores aos consumidores de todos os países, multiplicando os veículos, e instrumentos de comunicação, e pelas vias mais fáceis, e conciliadoras dos interesses das mais distantes nações, ainda que também procure (o que é natural, e o faz cada indivíduo quanto pode) adquirir para si alguma vantagem, pela sua superior energia, e providência. Enquanto outras nações vagueiam com projetos excêntricos, e se assoberebam até com a servidão da gleba, restringindo o seu comércio ao lugar, e vizinhança, e à mera

navegação de rios, e canais, e ao sórdido tráfico de almocreves (a pouco mais disso monta o comércio interno sobre tudo de países mediterrâneos) ela, não deixando de aproveitar todos esses meios, tem mais os olhos em todos os pontos da Terra, e alarga todos os dias, sem pausa, e susto, a esfera de suas empresas de comércio, para atrair ao seu país, por um magnetismo filantrópico os mimos da natureza, e arte ainda das mais remotas regiões, e distribuir o excedente do seu consumo por todos os países civilizados, que têm alguma coisa que dar em troca; de sorte que raro é hoje o indivíduo de país de comércio marítimo, e ainda de sertão (salvo inteiramente bárbaro), que não seja suprido, e a cômodo preço, de muitos artigos de produções, e fábricas da Grã-Bretanha, ou transportadas por sua indústria, a capital de todas as partes habitáveis da terra. Assim aquela ilha tem vindo a ser o centro da grande órbita e movimento comercial do universo.

Acresce que ela descobriu (e até levou à Ásia o arcano) de fazer à roda de si um contínuo fluxo, e refluxo do *capital pecuniário*²² de todos os países de consideráveis relações mercantis, para promover todos os ramos da própria indústria, e fazer as mais árduas operações do governo, de um modo inimitável às outras nações, que, nesta repartição, apenas fazem paródias e arremedos, por não terem iguais bases. Além das portentosas máquinas de agricultura, manufatura, e navegação; os ingleses têm inventado, ou feito o mais extenso, e judicioso uso de outras máquinas, não menos engenhosas, e quase de um poder mágico, a bem do comércio geral, e especialmente do seu, como bancos de circulação e desconto; postas, paquetes, seguros, gazetas, letras de câmbio, notas promissórias, e toda a espécie de papel de crédito, particularmente o público, que, na opinião do país, e ainda fora dele, tem subido em valor, ao par, e às vezes acima da moeda corrente. Nisto se podem dizer os genuínos adeptos da alquimia transcendente, e descobridores da verdadeira *phœnix filantrópica*, que em vão tinham procurado os insensatos, que aspiravam fazer metamorfose dos metais inferiores em ouro.

Ainda há mais. É notório que os grandes capitalistas da Europa, e ainda dos países politicamente mais inimigos da Inglaterra, têm depositado nos bancos desta fundos enormes; e ainda a horrível Revolução Francesa, que ameaçou desorganizar a civilização, ocasionou maior confluência de capitais para aquele país, como para o santuário da boa-fé, e asilo de toda a gente de

²² Chamo assim o dinheiro, para o distinguir das mais espécies de capitais das nações, que Smith reduz a quatro. O vulgo costuma confundir-lhos, só tendo por capital a moeda.

princípios, e de cabeceiras: A verdade desses fatos deu motivo ao célebre dito do atual regente de França²³ instigando os seus exércitos para invasão da Grã-Bretanha: "Soldados! Os tesouros do mundo estão em Londres".

Enfim à pátria dos Bacons, Newtons, Lockes, Smiths, Jenners, pertence a glória de ter, mais que alguma outra nação, contribuído pelas viagens dos seus circunavegadores do Orbe não só ao progresso do comércio, e maiores gozos da sociedade, mas também das ciências, e civilização, que estas promovem.

O assombroso aparato de expedientes, e facilidades do comércio inglês, e suas riquezas em todos os gêneros, tendo deslumbrado os olhos dos desorganizadores da ordem social, que aclamaram o primordial pregão revolucionário — guerra aos palácios, paz às cabanas — para nem sequer deixar viver os povos miseravelmente nestas, convertendo só as nações em cemitérios; em lugar de ser o objeto do respeito, e reconhecimento do benefício comum, têm infeliz, e fatalmente servido para excitar caluniadores para denegrirem o caráter da nação britânica com as imputações as mais iníquas, e absurdas, confundindo fatos de indivíduos, e ainda de administradores públicos, com o gênio, e constituição do povo, e governo, que tem no próprio seio o princípio de melhora, e perfeição, ainda nos abusos mais ostensivos: e (o que é mais lamentável) isto em grande parte acontece por se converterem (como diz Smith) as mesquinhas artes de traficantes em máximas de Estado para governar nações.

Todo o lito dos invejosos e declamadores notórios é removerem a consciência dos ingleses nos mercados da Europa, e noutras partes, onde aliás estes não têm monopólios, nem extraordinários favores do governo do país para o seu tráfico mercantil, e onde consequentemente o respectivo comércio é plenamente voluntário, e de evidente interesse reciproco dos povos com quem tratam; e tal interesse se prova sem réplica só pelo mesmo fato de continuarem com os ingleses o seu comércio; e até a própria França dá exemplo da contumaz insistência, que mostram tantos reinos e países de sua dependência em receber as mercadorias inglesas, e vender-lhes também os seus gêneros, clandestinamente, e com grandes circuitos, ou por via de neutrais sob o risco de seqüestro, e outras penas só dignas do código de Dracon²⁴. Como

²³ Napoleão Bonaparte (N. do org.)

²⁴ Legislador de Atenas do século VII a. C., que ganhou fama pela dureza cruel das leis que teria feito. (N. do org.)

se pode isso explicar sem que se reconheça que em geral no comércio inglês predomina a boa-fé? Quem quer comércio com gente nefária? Quem continua correspondência com fraudulentos, e levantados com fazenda alheia? Quem acolhe em sua casa espíes, e assassinos? O que mais se constitui admirável é que não obstante tão odiosas intrigas políticas, e a atroz fiscalidade de espólio e tomada, exercida atualmente em toda a Europa pela colossal ascendência da França, o altivo gênio britânico avança imperturbável na carreira de fortuna, e glória que lhe tem mostrado a sua exaltada compreensão, e imóvel conformidade ao grande *Princípio Vivificante da Máquina Social* — o comércio. Com esse só tem assoldado os maiores exércitos dos maiores soberanos para o equilíbrio das potências, e ora por si só arrosta todo o poder do invasor universal, que dispõe das forças de tantos Estados subjulgados. Pode-se dizer que os ingleses escolheram a melhor parte dos trabalhos da sociedade, que provavelmente lhes não será tirada. Permita-se-me explicar na fraseologia de Homero. Eles têm por si a velocidade de Netuno, que, segundo o Poeta, chega em três passos à extremidade da terra.

Concluirei com um escritor inglês²⁵: "Isto não é um panegirico composto de palavras insignificantes; ele funda-se em fatos incontestáveis, que oferecem à atenção de meus compatriotas".

Mas eu não me propus fazer elogios, mas indicar o que está aos olhos de todo o mundo para convencer que era do nosso interesse comercial, principalmente com os ingleses, a fim de porlarmos na mesma carreira de opulência, e potência marítima, a que nos possibilita a imensidade dos nossos meios se bem os aproveitarmos sob os benefícios de uma legislação iluminada, e administração firme; que consagre em máxima de Estado o crescermos pelo comércio franco, e legal.

É de toda a probabilidade que quanto for mais extenso e regular o nosso comércio com os ingleses, com plena confiança, e constância de amizade, tanto mais participaremos das vantagens que eles gozam, dando a maior possível extração aos produtos da nossa terra, e adquiriremos grande perícia mercantil, e até receberemos com exuberância muitos de seus capitais adelantados a longos prazos, e a favoráveis termos, para se empreendem grandes, e novos estabelecimentos. A nossa nação sempre deu provas de especial gênio para o comércio, e navegação. É de esperar que tratando mais familiarmente com a nação, que excede em todas em agência mercantil, e

²⁵ Clarke. [Samuel Clarke (1675-1729), filósofo e clérigo inglês. (N. do org.)]

náutica, entre no espirito das suas combinações, se molde à sua actividade, e obtenha vantagens incalculáveis. A semelhança, e o exemplo são os maiores estímulos das acções humanas. Estando em maior contacto com os povos mais civilizados, é impossível que não nos emparelhemos à sua industria.

Não obstante ser antiga a amizade, e aliança politica das duas coroas portugueza, e britânica, é de lastimar que sempre se entretivessem desconfinanças, e esquivanças entre nós e os inglezes por juízos errôneos do vulgo. Mas nenhuma pessoa sensata poderá contestar o quanto sempre nos foi vantajoso o comércio com os inglezes no Reino. Basta reflectir que eram quase os únicos compradores dos principaes ramos da agricultura de Portugal e suas ilhas, como vinhos, saes, frutos etc. Sem o seu comércio, a colheita desses gêneros seria incomparavelmente menor. Os particulares e o Estado dali derivavam os seus maiores réditos. Tais ramos sustinham e amplificavam todos os outros, que lhes eram anexos, ou subalternos. Os inglezes também sempre foram dos maiores compradores dos gêneros do Brasil, especialmente algodão, e anil. Eles foram os que com o seu exemplo firmaram, e estenderam o espirito de ordem, e ponto de honra, que já fazia figurar na Europa as praças de Lisboa, e Porto.

Sendo a nação britânica, em geral, briosa, e acostumada a viver com decência, e cômodos da vida, os inglezes domiciliários na Corte de Lisboa, muito influíram na elegância das suas obras, e tratamento civil em mesa, casa, mobília, equipagem. É notório que eles pagavam os mais altos alugueis das propriedades em que moravam, e isto dava a lei dos preços para as outras; o que animava os capitalistas a embelezar a capital com novos, contínuos, e vistosos edificios.

Ao inglés Stephens deve-se o grande estabelecimento da Fábrica de Vidro de Alcobaça, que pôs em valor e esplendida cultura os seus arredores, antes estéréis, ou incultos. A pitoresca descripção que desses sítios, depois encantados, faz o arquiteto Murphy, é um novo argumento da benéfica, e esclarecida industria ingleza.

Vários outros inglezes ricos, e de bom gosto, com a nobreza das casas de campo, e jardins, que fizeram, ocasionaram em sua imitação semelhantes casas, e jardins, que aformosearam vários lugares amenos para a mais bella e luzida companhia. Todos sabem que a riqueza, e população do Porto, e o crédito de seus vinhos, é obra em grande parte da riqueza e comércio de Inglaterra. A prosperidade da Ilha da Madeira deriva da mesma fonte. A franqueza do comércio inglés ocasionava aqui uma exportação e renda à Coroa, a qual nunca deu capitania alguma do Brasil proporcionalmente à extensão do seu territorio.

É indubitável que o comércio do Brasil foi muito provido com os capitães inglezes, pois que para aí se remetiam muitas fazendas suas, fiadas aos nossos commerciantes há longos anos; e que se pagavam com os gêneros coloniais. Esses fundos adiantados davam actividade ao giro, e enriqueceram muitos que não tinham outro fundo mais que a própria industria e prohibidade. O Reino e Estados Ultramarinos, não obstante as desvantagens, e os esforços do sistema colonial, floresceram por essa economia; e a não terem sobrevindo as desordens que arruinaram a Europa, não se pode conjecturar até onde se teria declarado a nossa prosperidade.

Se não fazíamos comércio mais activo, e extenso, se não tínhamos nas praças estrangeiras correspondências mais amplas e directas, se o nosso capital e crédito não subiu mais alto devemos só imputá-lo à nossa indifferença, e incuria dos meios que adiantam as nações. Sem estudar as linguas vivas, e principalmente a ingleza, sem aprender profundamente a ciência do mercantil, sem irem os nacionaes estabelecer casas de comércio nas praças estrangeiras, sem se estimar nem aprender a Economia Politica era impraticável obtermos as vantagens que os inglezes alcançam pela sua exemplar sagacidade, e incessante applicação, e aproveitamento de seus recursos.

As indicadas vantagens são agora ainda mais naturais de esperar muito além dos nossos cálculos, e desejos. Os interesses dos inglezes ora coincidem, mais do que nunca com os nossos; pois, pela mesma razão que a rancorosa politica da França, ataca no continente europeu os gêneros da produção, e fábrica de Inglaterra, tudo mais deve ser a necessidade, e a boa vontade dos especuladores desta nação, que estão sobre carregados dos seus gêneros, em nos suprir, com superabundantes quantidades, a bons termos, e a longos prazos, com tudo o que precisarmos; e tendo assim eles um vasto canal para dirigir os seus fundos, com esperanças de racional proveito, e nós, comprando tudo melhor, e mais barato que antes, certo penhor da continuação dos seus supprimentos, se apertarão cada vez mais e mais os vínculos de mútua dependência mercantil, com grande prospecto de nossa progressiva opulência.

Não se pode duvidar que os inglezes assim o queiram. Tal é a prática discreta, e ordinária dos que bem entendem os seus interesses. Os nossos commerciantes a exercem continuamente, por inevitável necessidade nas circunstâncias do país. Eles costumam assistir aos lavradores, mineiros, e agentes intermediários do tráfico do interior, e até da cidade, como os chamados lojistas, ou mercadores de retalho. Os que melhor calculam as consequências não os vexam com execuções, antes facilitam-lhes os avanços, cobram com equidade, e alargam-lhes as assistências à proporção que a própria fortuna se acha mais enlaçada com a dos mesmos.

A contínua importação de fundos dos ingleses tende a produzir três efeitos de grande consequência: 1º) dar saída aos nossos gêneros; 2º) estender a nossa indústria; 3º) inspirar-nos o estudo da lingua, e imitação do seu espírito público:

1º) Os ingleses, bem como quaisquer estrangeiros, que vierem comer- ciar ao Brasil, naturalmente não hão de voltar com os seus navios em lastro, perdendo o frete do retorno; aliás as despesas da viagem muitas vezes ab- sorverão o benefício da empresa. Portanto é mais que provável, ou antes de toda a certeza, que, em geral, todos procurarão realizar, pelo menos na maior parte as suas importações com os artigos de exportação do país. Os que fize- rem remessas da Europa ainda em navios portugueses, ou que vierem es- tabelecer casas no Brasil, estão em idênticas circunstâncias. A sua sagacida- de, com extensão da correspondência, descobrirá mercados, diretos, ou in- diretos, para os gêneros coloniais; a fim de seu embolso, que não pode ser em dinheiro senão em pequena quantidade; aliás pouco poderão vender, e con- seqüentemente serão inconsidáveis os seus lucros.

No caso da paz, o caso não tem dificuldade; mas atualmente a intelligen- cia dos ingleses fará os maiores esforços de muito diminuir os estorvos da civilização. Leia-se o escritor inglês deste século Oddy, que de propósito fez uma obra para indicar o meio de fazerem seus compatriotas o mesmo, ou quase o mesmo, comércio no continente europeu, por vias oblíquas, e os lei- tores se capacitarão até que ponto chega o espírito de especulação de tal gente, para vencer os obstáculos que se opõem à sua atividade mercantil.

2º) É princípio econômico, demonstrado pela experiência de todos os séculos, e países, que a necessidade da subsistência não é estímulo tão pun- gente para excitar o geral trabalho, e estender e aperfeiçoar a indústria, como o desejo de gozar, enriquecer, e subir à consideração e independência. Bem diz Raynal, que o trabalho para fartar a fome é tão físico como ela mesma. Quanto os povos mais se habituam a desfrutar as delícias da vida, tanto mais intensa é a sua energia para achar e dar emprego a todas as classes. Até os selvagens são despertados da sua indolência para os mais assíduos e peno- sos trabalhos quando se lhes oferece artigos de prazer e ornato, que se di- zem de *luxu*. Quando se observam (diz Stewart²⁶) os árdios e perigosos tra- balhos, a que de boa vontade se sujeitam os selvagens da Baía de Hudson, para caçarem animais, e trazerem as suas peles aos europeus, em troca de

quinguilharias, pode-se estar certo que os habitantes dos países que deram vantajados passos na carreira da civilização não serão inferiores em ativida- de para se darem às culturas, e ramos de indústria a mais lucrativa. Esta observação é especialmente aplicável no Brasil, onde até os negros da Guinê amam o enfeite, aparato, e trajo da gente polida.

3º) O terceiro indicado efeito da franqueza do comércio com os ingle- ses é da maior importância. Não há quem tenha feito algum progresso na li- teratura inglesa que, ainda tendo sido apaixonado da franceza, logo não sin- ta elevar-se-lhe o entendimento, e parecer respirar em mais pura atmosfera. Não há dúvida que o idioma gálico, se acha honrado com as immortais obras de Montesquieu, Buffon, Lavoisier. Também D'Alembert e Laplace serão sempre grandes mestres nas matemáticas. Porém em moral, história, econo- mia, e política, e ainda em poesia, a literatura inglesa é incontestavelmente mais sólida e profunda; e a franceza é, em muitos, superficial, e leviana, e, em outros, pior que inútil. Muitas frases, poucas idéias, constituem, em geral, o fundo dos livros desta nação. A lição dos grandes homens de Inglaterra é um dos melhores antídotos contra o contágio celtico, e é própria a formar gran- des caracteres de homens públicos.

Para completar a demonstração antecedente proporei um fato decisivi- vo, e perspicazmente notado pelo célebre ministro do governo francês Tal- leyrand²⁷, cuja doutrina no ponto é de autoridade irrecusável. Ninguém o arguirá de parcialidade aos ingleses: etc, apesar das animosidades nacionais, não pôde deixar de reconhecer as causas naturais, que dão à Grã-Bretanha inextinguível ascendente de seu comércio, ainda nos povos que tinham razão de lhe serem adversos.

Na coleção das memórias do Instituto Nacional de Paris, na classe de economia política, achase uma daquelle ministros, como um dos membros dela, no ano quinto da intitulada República, tomo 2, página 68, em que de- senvolve os motivos por que os anglo-americanos preferiram o comércio dos ingleses ao dos franceses, não obstante os assinalados serviços que estes lhes prestam. Ele enumera vários que são verdadeiros, ainda que subalternos, co- mo antigos hábitos, prejuízos, educação, identidade de lingua, tolerância em opiniões religiosas, semelhança de constituição etc., mas expõe os decisivos

²⁶ Dugald Stewart ou Steward (1753-1828), filósofo escocês e biógrafo de Adam Smith. (N. do org.)

²⁷ Charles Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838) foi um importante esta- dista e diplomata francês, tendo prestado serviços durante a Revolução (1789-1799), o governo de Napoleão Bonaparte e a Restauração (1814). (N. do org.)

e econômicos, que são conformes aos princípios de Smith. Transcreverei em extrato os próprios termos. Para não entruaquecer a sua eflicácia. Bom é até aprender do inimigo²⁸.

"Não há ciência mais ávida de fatos que a Economia Política. A arte de os recolher, pôr em ordem, e julgá-los, constitui quase toda a sua essência. Nesse ponto de vista, ela pode mais esperar da observação que do gênio. Os fatos vêm a ser os verificadores da ciência, depois de serem os materiais da mesma.

Todavia devemos precaver-nos contra a mania dos que pretendem tornar sempre a começar experiências, e não dar crédito a coisa alguma, para terem o direito de ignorar tudo. Porém não se deve menos repelir a temeridade dos que desdenhando quanto há de positivo, acham mais cômodo adivinhar que ver. É preciso acautelarmos das primeiras idéias superficiais (que são os axiomas da preguiça e ignorância), e desconfiar muito de certos princípios ambiciosos, com que se pretende abraçar tudo.

Cheio dessas verdades pensei que podia apresentar à classe do Instituto a que tenho a honra de pertencer, algumas observações que estive em circunstâncias de fazer na América. Persuado-me que poderiam ser levadas ao depósito de Economia Política, e aí receberam-se com o interesse, que na História Natural se concede à mais simples das produções, colhida por um viajante na sua rota.

Um fato notável na história das relações comerciais é a atividade, sempre crescente, das relações de comércio entre os Estados Unidos da América e Inglaterra; atividade que, por suas causas e consequências, não pertence menos à economia política, que à história filosófica das nações.

Depois da sangüinária luta em que os franceses defenderam tão bem a causa dos seus novos aliados, e os ingleses americanos se libertaram da dominação da Grã-Bretanha²⁹, todas as razões pareciam unir-se a persuadir que se iam romper os laços do comércio, que antes ligavam estas duas porções do mesmo povo, e que se deveriam formar outros. Essas razões eram a liberdade das opressões que haviam pesado sobre os americanos: a imagem re-

²⁸ "Fas est fab hoste doceri."

²⁹ A guerra de Independência dos EUA durou de 1776, ano da Declaração de Independência, a 1783, quando a Independência americana foi reconhecida pela Grã-Bretanha (Tratado de Versalhes, 3 de setembro de 1783). Durante a guerra, o exército nacional comandado por George Washington recebeu o apoio da França, da Espanha e da Holanda. (N. do org.)

cente dos males de uma guerra de sete anos; a humilhação de depender dos suprimientos de um país que tinha querido reduzi-los à escravidão etc.

Acrescia o sentimento tão natural que devia impelir os americanos a unirem-se aos franceses, seus irmãos de armas, e seus libertadores; sentimento que se tinha manifestado com tanta força nos papéis públicos, e atos do governo, no tempo da guerra, e que pareciam descobrir forte inclinação à nação francesa, e não menos forte aversão ao nome inglês. Em consequência se fizeram então muitos argumentos para persuadir, que o comércio americano ia a ser desvaivado do seu curso anterior, e dirigido inteiramente à França. Porém tais argumentos, em última análise, eram erros econômicos.

Que praticou a Inglaterra depois que fez a paz? Esqueceu-se dos seus ressentimentos; abriu prontamente as suas comunicações, e as fez ainda mais ativas; decidiu logo que a América servisse os seus interesses. Que se carcia para isso? Que o quisesse, e pudesse. Ora a vontade e o poder se uniam para esse efeito.

O que determina a vontade é a inclinação e o interesse. À primeira vista parece estranho que os americanos tivessem inclinação pela Inglaterra. Mas, de fato, assim o é, pelos hábitos do povo. Um sentimento de veneração os atraiá, por movimentos involuntários, para a mãe pátria. Eles não podiam negar que sem a França, jamais sacudiriam o jugo da Inglaterra, mas intuitivamente pensam que os serviços das nações são cálculos de interesse, e não de inclinação. Eles dizem, que o antigo governo da França, ainda que fizesse sacrifícios em seu favor, procedia mais com a mira na independência dos Estados Unidos, que na liberdade do povo; e que depois de os ter ajudado a separarem-se da Inglaterra, trabalhava secretamente para os ter desunidos entre si, a fim de que não tivessem subordinação para se dirigirem, nem força para se protegerem.

O interesse ainda mais os afeerrava à Inglaterra, porque o grande negócio em todo país novo é crescer rapidamente em riqueza. A prova de tal disposição geral manifesta-se de todas as partes. Os americanos habitantes das cidades naturalmente deviam dirigir a sua atividade para as especulações do comércio, e subordinar a estas especulações até os mesmos trabalhos da agricultura. Tal preferência que supõe haver um impaciente desejo de enriquecerem deixa de se aumentar logo com tal desejo, pois o comércio, que estende as relações de homem a homem, necessariamente multiplica as suas precauções artificiais; e a agricultura que as limita na família, necessariamente restringe as mesmas precauções.

Ademais, a América, cuja população aumenta rapidamente, está na infância das manufaturas. Daí resulta que está na necessidade de receber da

Europa não só uma grande parte de artigos manufaturados para o seu consumo interno, mas também o que ela emprega para o comércio externo. Ora todos esses artigos lhe são fornecidos pela Inglaterra talvez ainda mais completamente do que quando lhe era sujeita, e tinha a mais severa proibição de receber suprimento de outras nações.

As causas deste monopólio voluntário são fáceis de se assinalarem: 1^o) a immensidade de obras que saem das oficinas inglesas; 2^o) a *divisão do trabalho*, que é ao mesmo tempo o principio e o resultado das grandes manufaturas do país, e particularmente o engenhoso emprego das máquinas que se usam na Grã-Bretanha, e que dão aos seus fabricantes o meio de baratear o preço dos artigos do uso comum, mais baixo do que das outras nações têm podido dar até ao presente; 3^o) a facilidade e prática dos commerciantes ingleses em adiantarem toda a sorte de capitais aos americanos, fazendo-lhes créditos a mais longos prazos do que outro país. Esses créditos são, pelo menos, de um ano. Daqui resulta que todo o negociante americano que faz vir assim mercadorias de Inglaterra, quase que não emprega algum próprio no seu comércio e o faz quase todo com os capitais ingleses.

Sem dívida os negociantes ingleses, de uma maneira ou de outra, carregam em suas contas o interesse dos fundos que adiantam, e acreditam a longos prazos; mas como as remessas se fazem sucessivamente, e se aumentam todos os anos, logo se estabelece um balanço de pagamentos regulares, e de novos créditos, que não deixam descoberto o primeiro desembolso, e o interesse deste se reparte igualmente sobre as primeiras e seguintes faturas.

É fácil de ver que a primeira dívida estabelecida vem a ser um laço difficil de romper-se da parte de qualquer dos contraentes; e assim continua a correspondência entre o inglês e o americano. Aquelle recebeia que, se parar com as remessas, arruinará o seu devedor, cuja prosperidade aliás é a única garantia dos bens que lhe adiantou; e este, de sua parte, recebeia as má consequências de deixar um correspondente com quem tem a liquidar contas antigas. É quase impossivel que uma terceira nação possa perturbar estes interesses reciprocos, e enlaçados por vellos hábitos. Assim a França, no comércio com os anglo-americanos, achase reduzida a fornecer apenas alguns gêneros privativos de seu territorio; mas não entra em concorrência com a Inglaterra na venda das suas manufaturas, nem pode estabelecer com elle o seu crédito, nem a tão boa conta, nem a tão longos prazos.

Tem-se objectado que, durante a revolução da França, se fizeram numerosas exportações de mercadorias francezas para a América. A resposta é fácil. Tais exportações não se podem comparar com comércio regular; ellas não foram mais que especulações precipitadas dos que esparvidos com as requi-

sições, taxas do *maximum*, e os outros desastres revolucionários, preferiam qualquer perda na venda das suas mercadorias na América aos riscos, ou, para melhor dizer, a certeza de ainda maior perda das mesmas mercadorias, se as deixassem em França; foram o efeito da azáfama tumultuária da gente que deixassem tudo com a pressa de fugir de um incêndio, porque todo o expediente lhe parece bom; e não uma remessa judiciosa de negociantes que procedem com cálculo. Além de que todos esses artigos foram mal vendidos, e os americanos preferiram por extremo as mercadorias inglesas.

Assim o commerciante americano é ligado à Inglaterra, não só pela natureza das suas transações, mas também pela lei que irresistivelmente lhe impõe o gosto dos consumidores. Esses laços são tão reais, e deles resultam relações commerciais tão constantes entre os dois países, que bem se pode dizer, que os americanos não têm verdadeiro câmbio senão com a Inglaterra. Essas causas de união dos americanos aos ingleses a respeito do seu comércio têm raízes tão profundas, que seria necessário talvez um estabelecimento francos na América para lutar contra o ascendente do comércio inglês neste país com alguma esperanza de feliz successo. Essa consideração politica não é sem dívida digna de se desprezar etc. etc."

Deixo à perspicácia dos leitores fazer as devidas applicações ao nosso caso. O paralelo entre nós e os anglo-americanos nas relações commerciais com a Inglaterra deve dar resultados ainda mais fortes a favor do Brasil, que não tem razão de queixa contra aquele país e seu governo.

Em consequência das estreitas relações mercantis dos Estados Unidos com os ingleses, além dos beneficios geraes do comércio com os mais povos, até ao presente a maior conhecida³⁰, não é de admirar, que o respectivo governo pudesse dar ao público o autêntico extrato seguinte de riqueza nacional.

"Toda a dívida dos Estados Unidos no primeiro de janeiro de 1807 era: 67.727.750 dólares³¹.

Consta de documentos officiais, que, em 20 anos, a população do país se augmentou com três milhões de habitantes.

As casas levantaram-se de 640.000 a 1.225.000.

As terras cultivadas se estenderam de 1.225.000 a 2.390.400 acres³².

³⁰ Veja-se Wintherbotham, *Historical View of American United States*.

³¹ Pesos ou paracas espanholas.

³² Cada acre contém, pouco mais ou menos, 4.880 varras em quadrado.

O prego médio de cada acre subiu de 2 para 6 dólares.

O número dos cavalos cresceu de 600.000 a 1.200.000; e o gado de pontas, de 1.200.000 a 2.950.000.

As importações elevaram-se de 11 para 30 milhões de dólares.

As exportações de gêneros nacionais montaram de 1 a 4¹/₂ milhões ditos.

O dinheiro em circulação se acumulou de 10 a 17 milhões ditos.

O número de embarcações de todos os lotes é notoriamente prodigioso, e a respectiva construção é uma das suas principais e mais úteis manufaturas.

A renda do Estado subiu em 12 anos de 8 a quase 17 milhões de dólares, entretanto que se não aumentaram as despesas, exceto a soma aplicada para a extinção da dívida principal.⁵³

Nenhuma nação da Europa assolhou jamais em tão pouco tempo um quadro tão brilhante de prosperidade progressiva. Não é a extensão e fertilidade da América do Norte (pois a do Sul não é menor) que ocasionou tão portentoso resultado; mas a franqueza em admitir não só a importação de bens e mercadorias dos estrangeiros, e também a de suas pessoas e indústrias úteis (que fazem essencial parte do comércio franco) por serem os braços e engenhos dos homens habilidosos e morais um dos mais produtivos capitais das nações.

Se pois os Estados Unidos, depois de arruinados por uma cruel guerra, usando aquele expediente, já tanto avultam no teatro político, a que altura se deve esperar que o Brasil se cleve em riqueza, população, indústria e potência, adotando-se com firmeza igual política, estando na situação a mais favorável para a correspondência mercantil em todas as partes do globo; tendo tantas e tão boas terras e excelentes portos, compreendendo variedades de climas os mais próprios à existência humana; cheio de produções geniais e prolíficas, e capaz de fazer naturalizar muitas outras, como já se tem experimentado; concerrando inesgotáveis mananciais de opulência nos artigos mais úteis e do gosto das nações civilizadas; fora ainda muitos outros ainda desconhecidos num país na maior parte não explorado por sábios; bastando os esquisitos objetos da história natural para dar êxtase aos conhecedores, principalmente aos ingleses, que saberão apreciá-los, e até convertê-los em ramos de comércio para os ricos da Europa amadores das ciências; não sendo além disto sujeito à epidemia e furacões, que tão freqüentemente despovoa as cidades, e destróem as culturas e benfitorias das demais regiões da América; não carecendo de importação de ouro estrangeiro para a

sua circulação, pois tem muito até para se exportar sem inconveniente, vistas as suas minas ricas não exaustas, e nem ainda abertas, como as dos diamantinos e outros lugares, não estando enfim oprimido com dívida pública, sendo quase inconsiderável a existente etc. etc.

As nossas esperanças ainda mais redobram observando-se que a África nos está em frente, e em boa parte nos pertence. Talvez a civilização desse continente deverá muito, algum dia, ao Brasil, quando tiver vasta população de gente homogênea e de extração européia, com as mais úteis e variadas ramificações de indústria, em que seja então possível cessar o tráfico de escravatura e introduzir-se um comércio de que a humanidade não gema, pois não lhe faltam ótimos artigos para a troca e mútuo interesse dos respectivos habitantes. Mais: o sul da América já está submetido às nossas especulações comerciais, não obstante o antecedente sistema colonial, pela evidência das vantagens, não menos do povo, que do crário. É provável que as minas do Potosi nos dêem daqui em diante ainda superior partilha dos seus produtos. A proximidade, a semelhança de língua, a identidade de religião, a analogia de manjeiras e o hábito de correspondência, nos darão, ainda na paz, decisão preferencial a quaisquer competidores nas colônias da Espanha.

Ninguém soube melhor que nós navegar para a Ásia. Nenhuma nação aí tem mais reconhecidos e tranquilos estabelecimentos, nem mais oportunos meios para um vasto comércio nesse continente, onde a nossa língua (bem que já corrupta) ainda aí é quase geral. O célebre Lord Kames⁵⁴ no seu *Ensaio da sociedade civil* observa que Portugal se pode alçar a grande consideração na Índia só com dar franqueza ao porto de Goa, e permitir tolerância religiosa. A situação e beleza daquele porto naturalmente encarnaria para ele grande porção do comércio da Península, o qual agora é forçado a tomar outra direção.

Os ingleses devem em toda a Ásia ser nossos feís amigos e correspondentes, e em lugar de colidirem os interesses das duas nações, estes virão à concórdia, até pelo nosso superior crédito, de que ainda gozamos na China, onde os mesmos ingleses carecem da agência e firma portuguesas para o seu tão lucrativo ramo do anhão etc.

Os principais portos do Brasil apresentam a mais natural escala a todos os estrangeiros que tiverem que passar o Cabo da Boa Esperança, ou virem de retorno da Ásia. Essa circunstância só os constituiria magníficos entrepostos para o comércio de quantos sulcarem os nossos mares pacíficos, e qui-

⁵³ Este extrato vem na folha *Observer*, 7 de janeiro do corrente ano.

⁵⁴ Henry Home Kames (1699-1782), legislador e filósofo escocês. (N. do org.)

serem refrescar, ou carregar e descarregar mercadorias. Provavelmente muitos europeus e americanos virão aí buscar as fazendas e drogas orientais, por judicioso cálculo, com o menos risco e maior cômodo de preço. Tempo virá em que a qualquer aventureiro com destino a Ásia, que tocar os nossos portos, se poderá fazer desistir de ulterior viagem, dizendo-lhe com Camões:

*"E se buscando vão mercadorias
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo e ardente especiaria,
Ou droga salutifera e preciosa,
Ou se querem luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levanta tudo tão sobejo,
Que bem facia o fim ao teu desejo."*

É mais que verossímil que, estabelecendo-se regulares companhias de seguro e bancos de desconto, franquias, casas de depósitos, com módicos direitos de baldeação, e reimportação, logo a renda do Estado, e o emprego do povo, recesça de modo de que por ora não nos é dado ver toda a solidez e extensão.

Não se entenda que me proponho iludir o público, oferecendo projetos visionários, nem paliar-se o triste aspecto dos negócios nestes allitivos tempos. Sem dúvida as desordens da Europa muito obstem à breve e possível expansão da nossa energia. Mas esse mal não provém da franqueza do comércio; ao contrário, este é o melhor recurso para mitigá-lo. E como todas as nações estão por ora quase interditas do tráfego mercantil, e navegação, o comércio franco e leal com os ingleses é a única sagrada âncora que nos resta para a nossa salvação e esperanças.

Não convém descoroçoar na carreira em face das dificuldades. O estado da Europa, sendo muito violento, não pode ser de longa duração. Sem embargo de ali ser vedada a entrada de nossos gêneros, contudo boa parte irá ao seu destino pelas vias que a necessidade e indústria inglesa descobrir. A demanda dos mesmos gêneros é alta e urgente. Teremos por auxiliares todos os que não querem perder o fruto do seu trabalho e estão habituados às produções do Novo Mundo.

Como sua majestade o rei da Grã-Bretanha, pelo Ato de Parlamento de 11 de março cap. 3, derogando as leis antigas, ordenou que se admittissem nos seus três Reinos Unidos todos os gêneros, fazendas e mercadorias dos Estados do Sul de s. a. r. (com a mais exata coincidência à Carta Régia, em que

se usa de igual generalidade), pagando os mesmos direitos que antes satisfiziam as saídas do Reino, contanto que sejam transportados em navios e embarcações de construção nacional, ou de legítima presa, trazendo três quartos da tripulação portuguesa; é claro estar estabelecida a reciprocidade dos interesses de ambas as nações, quanto era possível nas atuais circunstâncias. Se nos é necessária e útil a franqueza do comércio com os ingleses, a política imperiosamente a ordena.

Ainda que essa, primária e directamente, tenha em vista a segurança, independência e força do Estado, contudo não pode, nem deve, prescindir da riqueza nacional, proveniente daquela fonte; antes indefinidamente promoverá por todas as instituições justas e as mais adequadas a tal fim; pois que, em razão da tática moderna (terrestre e marítima) a defesa das nações exige imensa despesa nos armamentos dos exércitos, fortalezas, esquadras, aparelhos e instrumentos de guerra etc., de sorte que a probabilidade do feliz êxito das contendas políticas está da parte da nação, que melhor pode fazer esta despesa, sendo aliás todas as demais coisas em bom governo, número de gente, patriotismo, disciplina e perícia militar.

Nem faz a isso excepção a presente guerra³⁵, antes o confirma; pois o horrível monstro do fanatismo revolucionário, com todo o prestígio dos seus mágicos termos de *liberdade e igualdade* (a que depois se substituíram outros não menos sedutores de glória e vitória), teria feito ainda maiores estragos, se não tivesse encontrado o antagonista da opulência britânica (sempre renovada e progressiva pela ação do comércio), com que não só se tem quase aniquilado a marinha do inimigo, mas também habilitado o governo inglês a manter forças navais desconhecidas na história das nações³⁶, e com ela, segundo é de crer, impossibilitado o projeto de invasão dos seus reinos.

Como a nação inglesa tem, por assim dizer, com vigor allântico metido ombros ao mundo, e sustenta impávida o edificio da civilização para salvar a Europa do barbarismo eminente; é necessário que, participando das vantagens do seu comércio, entremos em competente parilha, não só de proporcional segurança, independência e força, mas também da honra de não dobrar o joelho ao ídolo do século, ante quem se prostraram tantas illustres

³⁵ Caiu se refere à guerra movida contra vários países da Europa por Napoleão Bonaparte. (N. do org.)

³⁶ Pelos papéis públicos deste ano consta ter agora a Grã-Bretanha 235 naus de linha, sem contar as da esquadra dinamarquesa, estando em actual commissão um total de 700 embarcações de guerra.

monarquias, e de ganhar a glória que parece estar reservada às nações que abrirão e alargarão a comunicação dos homens, estendendo a esfera dos seus bens e conhecimentos.

Não desaproveitemos a segunda vez que a Divina Providência nos falta de reluzir no Universo e alcançar títulos à apoteose na posteridade. Devemos racionalmente crer que foi para altos destinos que s. a. r., com os seus caros penhores de sua augusta prole e família, se salvou, quase miraculosamente, de tantos perigos. Temos por sólida garantia da futura grandeza do império lusitano o pio voto, e religiosa súplica, que sua majestade, o rei da Grã-Bretanha fez ao Ente Supremo no seu Parlamento Alto no principio deste ano:

“A esquadra do príncipe regente de Portugal era destinada pelo inimigo a servir de instrumento de vingança contra a Grã-Bretanha: ela foi posta fora do seu alcance; e agora está empregada em transportar aos seus domínios no Brasil as fortunas e esperanças da monarquia portuguesa. Sua majestade implora a proteção da Divina Providência, regozijando-se na salvação de uma potência há tanto tempo amiga e aliada da Grã-Bretanha, e na perspectiva do seu estabelecimento no Novo Mundo com superior força e esplendor”.

A vista disso quem não sente extasiar-se o espírito, e excitarem-se as mais altas idéias das nossas futuras prosperidades? Assim eu pudesse inspirar em todos os ânimos a mais profunda veneração a tão grande soberano, que faz tal súplica ao onipotente no mais augusto senado do mundo, que iguala em majestade o da antiga Roma, que representava um conselho de reis.

A natureza nos ensina e impele a ser enérgica nação comerciante. Para isso a amizade e aliança do governo britânico constituiu-se de um imenso valor político na actual conjuntura, em que não só era forçoso escolher entre as duas preponderantes nações da Europa, mas também porque estávamos na mais urgente precisão de desobstruir o nosso comércio, e estender o mercado das possessões da Coroa, para adquirirmos os meios proporcionados a sustentar com honra a causa do soberano, e da nação, repulindo as tentativas do inimigo, e forçando-o à reintegração da monarquia: o que seria impossível sem a mais íntima união com o dito governo, e abertura dos portos do Brasil.

Longe de nós o pestífero bafo das animosidades políticas, e ciúmes mercantis, com que na Europa se costumam desligar particulares e Estado, que antes se uniam por corações e interesses. Isso ocasionava inimizadas irreconciliáveis, a gangrena das nações, e a ruína das dinastias. A terra é assaz vasta para conter sem conflito duas nações independentes e irmãs de seus descobridores, e circunavegadores. Quanto mais de uma e outra parte crescer a

população, riqueza, e potência, tanto haverá, na mesma proporção, maior progresso de fundos, forças, e facilidades, para o mútuo comércio, auxílio recíproco, e perene complacência.

Ainda que, confiando sobretudo na divina proteção, e fazendo o que devemos, para se malograrem os planos do inimigo, baste a presença de s. a. r. neste Estado (que perfeitamente se defende pela natureza do território, lealdade nacional, e heróico valor brasileiro, de que noutra era já se viram as mais decisivas provas, quando se expulsaram antigos invasores, havendo aliás incomparavelmente menos povoação no país, e achando-se os seus habitantes desamparados, e destituídos de meios de socorro e resistência), contudo, seria agora o delírio da imprudência, e a intrepidez da ignorância, pretender-se estar só, prescindindo-se do auxilio, e tráfico dos ingleses, e restringindo-se o seu comércio ao arbitrário, e mesquinho compasso. Meias medidas sempre foram insignificantes, e produzem o efeito contrário ao destino.

Nenhum verdadeiro patriota pode suportar a idéia de ocasionar desconfiança e desgosto a uma potência marítima tão benévola, e poderosa. Considerem bem os cordatos as circunstâncias a que seríamos reduzidos sem a constante harmonia, e irrestrita correspondência dos ingleses, tendo o inimigo surpreendido parte da nossa marinha, e carecendo nós tanto do comércio da cabotagem deste continente: ainda sem falar da necessidade da contínua importação de escravos da África, e do tão útil tráfico que já temos nas colônias da Espanha.

O celebrado autor do *Espírito das leis*⁵⁷ diz: “Fu não ano os conquistadores, mas custa-me a crer que Alexandre e Gengis-Kan fossem pequenos gênios”. Não assinto a este conceito, pois só reconheço por gênios aos benfeitores da espécie humana, e não aos destruidores das nações. Mas, depois de sucessos tão rápidos e pavorosos, que têm confundido todas as imaginações, desfeito todos os intentos, desorientando todos os espíritos, e quase extinguindo a esperança da ressuscitação da Europa, quem se poderá abandonar à falsa segurança, julgando ainda os confins do mundo inacessíveis aos assaltos de uma gente afamada por temeridades, que desperdiçam as suas vidas havendo-as por *malda*⁵⁸, e sendo hoje dirigida por uma força concentrada, for-

⁵⁷ Referência ao escritor francês Montesquieu (1689-1755). Além de *O espírito das leis* (1748), importante obra de teoria política, são também de sua autoria as obras *Carta pavia* (1721) e *Considerações sobre a causa da grandeza dos romanos e de sua decadência* (1734). (N. do org.)

⁵⁸ É bem sabido o dito dos franceses, que, se, na projectada invasão de Inglaterra,

midável, e infelizmente tão hábil na arte de destruir, que dispõe a seu arbítrio dos braços, navios, e recursos do continente, para se aventurar também às mais árduas empresas navais? Ainda que noutro tempo a nossa potência marítima fosse suficiente para a defesa das costas do Brasil, segundo cantou Camões³⁹, agora a prudência aconselha que, estando em circunstâncias diversas, nos unamos cordialmente às forças do soberano e vassallos da Grã-Bretanha, nossos antigos e constantes irmãos de armas, que mereceram o elogio do mesmo poeta descrevendo o seu valor⁴⁰.

Não se entenda que eu ajuzo possível invasão do inimigo neste Estado. Ao contrário entendo que, se alguns temerários, escapando da vista das esquadras inglesas, se arrojamem a entrar em algum nosso porto, ou a macular as nossas praias, acharão logo o digno prêmio da sua malfetoria. Não temos visto em toda a parte o mau êxito das suas expedições marítimas? Desertores do Egipto não serão conquistadores da América. O Brasil não é Malta, ou outra ilha, que se tome à traição ou com os chamados golpes de mão, e nem ainda a Europa, onde o Alcorão revolucionário afrouxou em toda a parte o espírito público; e onde a geral cultura, e indústria apresentava aos saqueadores, a cada légua, cidades, armazéns, e oficinas, para terem vasto suprimento, forçarem recrutas, e extorquir em contribuições. Eles não poderiam estabelecer corpos de reserva, e continuamente enviar miríades de conscritos que reparem as mortandades, e preencham as legiões. Aqui serão nossos incorruptíveis auxiliares até os matos, montes, pantanais, e desertos. Passaremos por algum incômodo, mas não sob o jugo dos sarracenos do dia.

percerem na passagem do mar com mil franceses, isso é nada. Os do partido aplaudem a horribilidade, de que a natureza estremecce; o que faz lembrar o pensamento do seu já citado autor do *Espectro das leis*, "que há países onde os homens valem nada".

39 *Invidiata*, X, 63:

"Das mãos do teu Entêtão vem tomar
As rédeas tuas, que já verá illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francês ao mar lavado."

40

"Era este inglês potente, e militar
Co' os portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas pararam
Das companhias, e benigna estrata
.....
Não são vitas do vel do Tigr ao Bahr
De força, e esforço, e ânimo forte."

Porém é vigiando, trabalhando, e bem consultando os nossos interesses, que podemos esperar tranquillidade, e paz honrosa⁴¹. Ainda as maiores potências procuram novas alianças, e apertar as antigas no tempo de guerra; e não se deve aspirar só à defesa, mas também à opulência e glória nacional. Todas estas considerações reunidas clamam pela nossa inseparável união com os ingleses. Justo meio entre os extremos é ditado pela providência do futuro. Convém nem temer o inimigo, nem desprezá-lo. Porém ainda muito mais importa não agravar aos amigos, nem afetar a independência do único poder que goza do império do mar, e tem vontade, interesse, e força, para resgatar a Europa do cativo que a oprime.

Alguns políticos só acham sólidas, e mais temíveis, as potências terrestres, e desatendem as marítimas. Mas toda a história depõe contra essa opinião. Fatos decisivos têm mostrado a certeza do conselho de Temístocles⁴², que antigamente salvou a Grécia do barbarismo asiático, opondo-lhe a força naval do povo então o mais civilizado do mundo conhecido. Aquele grande homem tinha por máxima política, que *quem domina o mar, porá ordem à terra*.

O famoso *Baron*⁴³ dizia, que a potência marítima era o *Compêndio da Monarquia*⁴⁴. Ele indica os exemplos da batalha naval de *Actium*, que deu a Augusto o Império de Roma; a de *Lejanto*, que pôs termo ao poder otomano, que ameaçava subjugar toda a Europa; a do Canal de Inglaterra pelo Almirante Drake, que não só salvou a Grã-Bretanha da projetada invasão de Filipe II⁴⁵, denominada a *Potência Vulpina*, mas também desassombrou o

41 "Agendo, vigilando, bene consulendo, cuncta prospere cedunt. Ubi soccordiae te, atque ignaviae, tradideris, nequiquam Deos implorēs: irati, infestī que sunt..." *Cato apud Sallust. de Bell. Critil.* ["Todas as coisas avançam em conjunto favoravelmente, quando se age, se viaja e se tomam boas decisões. Será em vão que invocará os Deuses, quando te entregas à indolência e à inação: eles estão irados e hostis..."]

42 "Consilium Pompei plane Themistocleum; putat enim qui mare tenet, eum rerum potiri." Cícero. ["A decisão de Pompeio é exatamente a de Temístocles; na verdade, pensa que aquele que domina o mar é senhor de todas as coisas." Cícero (525-460 a. C.), estadista ateniense. (N. do org.)]

43 Referência ao filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626). (N. do org.)

44 *Essay Rariorum*.

45 Filipe II (1527-1598) foi rei da Espanha (1556-1598), de Nápoles e da Sicília (1554) e de Portugal (Filipe I, 1580-1598). (N. do org.)

mundo dos terrores de vingança daquele despota, que tinha abatido a monarquia lusitana.⁴⁶

O governo francês está tão certo dessa verdade, que todo o seu empenho tem sido o assenhorear-se da marinha das nações que subjugou, ou iludiu, e espera levantar brevemente uma própria; como se para isso bastasse ter naus, e atulhá-las de gente novíça, e sem experiência da tática naval, que tanto custa a adquirir, e que supõe necessariamente antigo e vasto comércio, hábito de pescarias em mar alto, contínuas vitórias navais etc.

Devemos esperar do gênio da humanidade, que os dois poderes não se concentrem na mesma mão. Felizmente a natureza e a política parecem ter segurado a divisão desses poderes. Unamos pois os nossos meios e recursos, para que esta divisão subsista. Se a França nos fecha, e aos ingleses, o continente da Europa (empenho vão e desonroso), ser-lhe-á para sempre também fechado o oceano, e mal aí aparecerem franceses como escravos fugitivos, que temem a presença de seu senhor. Toda a Europa fará votos para que não se arruine a potência, que só pode fazer parar na carreira a quem medita a ruína de um e outro hemisfério, quando aliás podia aspirar a conseguir a glória de dar paz ao mundo, e com o seu benigno influxo e exemplo fazer reinar na terra os princípios da geral benevolência.

Ainda que presentemente se desdenhem as opiniões dos maiores escritores nos objetos os mais dignos de ocupar os espíritos dos que desejam o bem do seu país, e do gênero humano; e até muitos prudentes achem que as circunstâncias atuais não admitem comparação com as antigas, contudo, para se mostrar que não são cercibrinas as observações antecedentes transcreverei os pareceres dos maiores políticos de França, Montesquieu, e Mably, que fizeram o quadro comparativo dos dois governos rivais, nas suas relações com as mais potências. Eles fundamentam-se em verdades notórias, que esperose confirmem com o tempo, quando se dissiparem os erros e os furros da infeliz quadra em que vivemos. As seguintes passagens justificarão a nossa plena confiança no governo inglês.

"A nação que está na posse de um grande comércio marítimo, e tem o império do mar, é sempre dotada de grande segurança, e o povo adquire por isso uma allivez natural; pois, sentindo-se seguro, e capaz de atacar por toda a parte, pensa que o seu poder só tem por limites o oceano. Essa nação deve ter grande influencia nos negócios dos seus vizinhos; porque, como não empregaria a sua potência para conquistar, procurar-se-ia a sua amizade, e te-

mer-se-ia o seu ódio. Ela em algumas occasiões vem a ser o centro das negociações, e teria mais probabilidade e boa-fé que as outras... Grande comércio produz grande navegação, e esta grande potência."⁴⁷

"Além das vantagens gerais que a Inglaterra tem em qualidade de potência rival sobre a França, a sua superioridade no mar deve também contribuir a dar-lhe maior número de aliados. A nação que só é poderosa em terra, não é vizinha senão dos Estados que a locam de algum modo pelas suas fronteiras; porém muitas vezes é embarçada de fazer alguma diversão em favor dos seus aliados. Mas uma potência marítima é vizinha de todos os países pelas suas esquadras; e podendo em consequência fazer mais bem, e mais mal, a maior número de Estados, deve gozar de uma consideração mais extensa."⁴⁸

Embora pois a França blasone de sua vasta confederação de outras potências do continente. Nem crianças cretão em ligas extorquidas com a baioneta ao peito, ou estrategemas illusórios. As naturais relações das coisas não se extinguem com violência efêmera. Se ímpios fados não têm de todo abismado a Europa, sem dúvida tantos illustres Estados que aí antes floresciam, por saudável equilíbrio de forças, não amarrão o seu espoliador e opressor, e só esperarão o momento favorável para se lançarem nos braços da Inglaterra, e implorar o socorro do seu governo que só pode ser o geral restaurador.

O governo francês que tanto porfiou para desligar-nos da Grã-Bretanha, a fim de melhor assegurar a nossa ruína, praticando o mesmo com as mais nações, para tirar-lhes esse apoio restante, não cessa de fazer sutis surpresas, espavorindo os fracos, e tratando os ambiciosos (que destina, como Políemio, a serem por mercê devorados os últimos) acusa o governo e o povo inglês de ter reduzido todos os Estados, e com especialidade o nosso, à ignominiosa dependência da sua indústria e ambição, sacando-lhes todo o ouro pelo comércio legal ou de contrabando, para depois com ele corromper os gabinetes, excitar guerras, e lucrar da geral calamidade e miséria; pretendendo monopolizar o comércio do mundo, arrogando-se o comércio do mar, apressando os navios neutrais, conquistando toda a Índia, e principais ilhas do oceano, tiranizando os seus próprios vassallos irlandeses só por serem católicos. Igualmente o acusa de ser infrator da Paz de Amiens⁴⁹, de proclamar

⁴⁷ *Esprit des lois*, liv. 19, cap. 27, liv. 21, cap. 13.

⁴⁸ *Principes de négociation*, cap. 6.

⁴⁹ O tratado de Amiens foi celebrado em 1802 entre França, Espanha, Inglaterra e Holanda. O acordo teve mais o caráter de uma trégua na guerra que opunha as duas

⁴⁶ Young, na sua ode que intitulou *Imperium Pelagus*, diz: que cada *tamborillo* é um *trampo*.

guerra eterna, de atacar a Espanha tomando-lhe as suas fragatas sem declaração de guerra, destruindo tantas vidas inocentes no bombardeamento de Copenhague, sem ter alguma provocação da Dinamarca. Por isso força todas as nações à atroz cruzada contra a Grã-Bretanha, decreta geral proscrição do seu comércio, apelidando-a, como por vilipêndio, *nação de traficantes e monopolistas*, imprecando-lhe o fado de Cartago.

Assim o governo francês, o que não pode vencer por armas e tramas, esforça-se em conseguir pelo não menos assolador sistema de ameaça, e difamação. Mas todos esses fantasmas desaparecem ao simples toque da verdade. Nenhum governo tem direito de erigir-se em juiz de outros, e menos das potências reconhecidas, que só têm por censor o tribunal da opinião pública. Qualquer nação só é competente em decidir sobre as específicas relações de seus interesses com qualquer outra nação. Neste ponto de vista, a amizade, e aliança de Portugal com a Grã-Bretanha tem os mais razoáveis e urgentes motivos; pois o governo britânico sempre deu todas as provas de quanto respeitava a independência da Coroa portuguesa, e o quanto se interessou pela sua dignidade política.

A irrefragável evidência de proibidade e delicadeza daquele governo é que nunca se ingeriu em influir, e menos em alterar, as nossas instituições religiosas e civis; nem jamais turbou a administração do Reino em qualquer repartição; não obistou ao estabelecimento das fábricas protegidas com tantas leis, que proibiam a importação de iguais, ou semelhantes obras estrangeiras, sendo várias diretamente opostas aos interesses comerciais da Grã-Bretanha.

As vantagens que os ingleses tinham em virtude do Tratado de Methuen⁵⁰, e por outras graças do nosso governo, não diminuíam, antes muito promoveram, os interesses da agricultura e comércio do Reino; pois, segundo já acima se observou, os grandes ramos da indústria rural e mercantil, em que o povo tinha mais emprego, e o Estado mais renda, eram as consequências do vasto e certo mercado dos ingleses. Sendo esses os maiores compradores, e os melhores pagadores dos nossos gêneros, ainda algum detrimento

maiores potências da Europa, a França de Napoleão Bonaparte e o Reino Unido, tendo durado apenas 14 meses. (N. do org.)

⁵⁰ Tratado celebrado em 1703 entre Portugal e Inglaterra, regulando as relações de comércio entre os dois países. Os têxteis ingleses passaram a ser livremente admitidos em Portugal; em troca, os vinhos portugueses destinados à Inglaterra foram beneficiados com a redução de um terço dos direitos em relação aos seus principais concorrentes, os vinhos franceses. (N. do org.)

resultante da preferência dos seus lanifícios, e outros produtos manufaturados, provavelmente se compensava por esta circunstância, que sempre se costuma atender pela prudência dos indivíduos no manejo dos seus negócios; tanto mais que nenhuma nação podia fazer-nos tão grande partido.

Sim, desejávamos ter mais fábricas, por mera imitação. Mas consultávamos nisso os nossos bem entendidos interesses? Já tínhamos a agricultura e população de que o Reino era susceptível? Soberjavam-nos capitais para mandar vir dos países estrangeiros boas máquinas, e os mais hábeis mestres e artistas, para aplicar braços a essas novas direções? O rendimento das que estabelecemos tinham porventura proporção só com o produto das vinhas do Alto Douro, não obstante o terrível monopólio, e as notórias opressões da Companhia?⁵¹ Tendo mais fábricas que agricultura, seria mais extensa a nossa navegação? Certamente que não.

Além de que, no cálculo dos nossos interesses, se deve lançar em primeira linha de conta a certeza da preciosa e constante amizade e aliança de uma potência, que sempre nos apertos do Estado, nos socorreu com gente, armas, e naus, e até com subsídios de dinheiro. E é por esta razão que Smith no livro 4, cap. 6 mostra, que o sobredito Tratado de Methuen, e subsequentes favores do nosso governo a bem do comércio dos ingleses, não eram tão úteis a Grã-Bretanha, como vulgarmente se crê. As grandes nações são como os grandes negociantes, que compram e vendem onde acham mais conta, e não fazem depender a sua riqueza e existência (como os pobres e traficantes) de certo lugar, e acanhada freguesia.

E qual é a nação, que não tenha por tratados de comércio procurado adquirir algumas vantagens especiais nas suas relações mercantis com as outras nações, cujos governos também calculam os seus interesses nas concessões que fazem às chamadas nações mais favorecidas? Essas eram as práticas dos Estados mais entendidos, segundo as máximas da economia política predominante na Europa, principalmente desde o tempo do ministro francês Colbert⁵², que, com todos os homens de Estado que o copiaram, estava

⁵¹ Trata-se da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, criada pelo Marquês de Pombal, em 1756, que favorecia os vinhos do Porto em detrimento do restante da produção vinícola portuguesa. (N. do org.)

⁵² Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), estadista francês, foi o homem de confiança de Luís XIV na condução dos negócios do reino, sendo o grande responsável pela introdução do mercantilismo na França. Estimulou o sector manufatureiro através de subsídios e privilégios fiscais às corporações, e impondo altas tarifas aos similares estrangeiros. (N. do org.)

persuadido que não se podia promover a indústria nacional, senão ao abrigo de privilégios e monopólios, restrições e preferências, absoluta proibição de entrada ou saída de certos gêneros; e sobrecarga de direitos em outros (o que às vezes equivale à absoluta proibição). Se nisso havia erro (como demonstra Smith) a ilusão era geral, e não privativa insolência do governo britânico.

Como agora os tempos são outros, é de esperar que, permitindo a divina bondade paz sólida, prevaleçam nos Estados cultos, princípios mais liberais na diplomacia, e administração pública; e que, nos ministérios tão esclarecidos da nação portuguesa e inglesa, os tratados de comércio que se ajustarem às exigências das circunstâncias assentem sobre as bases da mais perfeita reciprocidade, e escrupulosa observância dos direitos do gênero humano.

São destituidas de fundamento as declamações contra os ingleses de terem enriquecido à nossa custa, tirando-nos o ouro, e fazendo contrabandos. As pessoas inteligentes conhecem que a riqueza da Grã-Bretanha emana de fontes mui variadas e exuberantes, que acima apontei, e que a nação tem descoberto em todo o mundo. Ela já era opulenta e poderosa muito antes que tivesse tratados com Portugal, ainda que sem dívida também cresceu em opulência, e poder com as relações mercantis do nosso Reino. A vasla marinha que tinha já no tempo da sua celebrada Isabel⁵³, com que destruiu a que se intitulou *Armada Invencível* do soberbo Filipe II, prova a existência do seu muito extenso comércio, e consequentemente das riquezas que dele procedem.

Se alguns ingleses praticaram abusos, fazendo comércio clandestino e ilegítimo, a irregularidade de indivíduos nada prova ao caso; pois o contrabando não só é um vício comum das nações comerciantes, mas também é inevitável consequência da falta de um comércio franco, ou da política (que lhe equivale) de sobrecarregar as mercadorias de mui gravosos direitos, e outros bem sabidos vexamos fiscais; sem se advertir que, na "Aritmética de Finanças, dois e dois, em lugar de fazerem quatro, fazem às vezes menos que um", segundo mostra a experiência, e é dito do escritor inglês Swift⁵⁴.

Se os soberanos que têm feito tantos tratados inúteis, e ainda contra os seus genuínos interesses, fizessem um em favor da humanidade, libertando o seu comércio de tantas cadeias, e estabelecendo um sistema de finanças esclarecido, que conciliasse a utilidade do erário com o do povo; cada Esta-

do teria a renda pública proporcional à riqueza nacional, e faculdades de pagar dos contribuintes, e todas as nações se elevariam à maior prosperidade possível, empregando o seu trabalho e capital naqueles ramos de indústria a que a natureza, e as suas circunstâncias as tivessem privativamente habilitado. Então não haveria ciúmes, colísees, represálias, e guerras de comércio.

Deve-se aqui notar, que, a respeito dos contrabandos, a França é a menos própria para objetar essa desordem aos ingleses. Não havia no Reino pessoa de alguma fortuna, e especialmente da classe dos chamados de bom tom, que não caprichasse em fazer uso de rapé, vinhos, e vestidos da França; e rara era a pessoa do sexo que não se ornasse com fazendas francesas, até com modas frívolas e escandalosas. Do que se mostra que os tão invejados e aborrecidos favores do nosso comércio aos ingleses não eram, de fato, excessivos, nem exclusivos de outras nações. Além de que a França sempre teve em Portugal vários ramos de comércio acreditados, e de extração certa; sem falar no de lhos, em que quase não tinha alguma concorrência, e menos dos ingleses; por ter infelizmente a literatura britânica (incomparavelmente mais subida) poucos amantes e conhecedores no nosso país; e ao contrário da literatura francesa que havia conseguido um curso devasso, pela facilidade da língua, pompa de expressão, e lascívia de doutrinas.

Que os ingleses levassem o nosso ouro não é matéria de invechtivas. Certamente o não extorquiram, nem ninguém lhes fez presente dele, mas todos o deram por troca de equivalentes. Que faríamos de tanto ouro que as nossas minas têm produzido? As mais nações que, diretamente ou indiretamente, commerciam com Portugal, também sempre tiveram a sua partilha de metais preciosos, proporcionalmente à quota dos respectivos artigos importados, ou serviços feitos. Pretendíamos abarcar e reter todo o ouro do Brasil, e ficar desprovidos dos suprimentos estrangeiros de que precisávamos, e que nem podíamos, nem sabíamos fabricar, ou não tão bem, e tão barato, nem na quantidade necessária?

Se não déssemos o nosso ouro em troca de outros gêneros de fora do país, e os estrangeiros o não sacassem pelo comércio, nós mesmos teríamos o cuidado e ânsia de o remeter para onde se pudesse tirar algum proveito por empréstimo aos ditos estrangeiros, ou por compra de suas mercadorias. De contrário, além da intolerável penúria e carestia que sofreríamos de muitos artigos indispensáveis, daríamos ao mundo o espetáculo de um povo de fátuos, assemelhando-se cada rico ao Midas da fábula, que pedia a Júpiter que lhe convertesse em ouro tudo o que tocasse. Assim já há muito tempo tínhamos despertado a cobiça das potências fortes para invadirem o Reino, e se apoderarem dos tesouros acumulados tão inutilmente a si, e aos mais po-

⁵³ Isabel ou Elizabeth I (1533-1603), rainha da Inglaterra e da Escócia de 1558 a 1603, período durante o qual a Inglaterra viveu um grande desenvolvimento em sua marinha, comércio e indústria. (N. do org.)

⁵⁴ Jonathan Swift (1667-1745), autor das *Viagens de Gulliver*. (N. do org.)

vos. A história mostra, e bem o nota o maior político da Antiguidade, que essa é uma das principais causas das guerras⁵⁵. A presente invasão da França teve em grande parte por estímulo as exageradas idéias das nossas riquezas pecuniárias, e não os absurdos pretextos que o seu governo publicou.

É indifferente que os metais preciosos se tirem em primeira mão dos países que têm minas, ou que sejam atraídos pelas operações do comércio. A Holanda, que não tinha entre nós as mesmas vantagens da Grã-Bretanha, era, antes da invasão da França ao seu país, havida pelo Estado da Europa o mais rico em ouro, à proporção do território; de sorte que até era obrigada a prestar muito cabedal a várias potências, e a juro muito baixo. Em nenhuma parte mais que ali girava tanto dinheiro de ouro em barra, que Smith chama *a grande moeda da república mercantil*. Em Hamburgo e mais cidades hanseáticas circulava tanto dinheiro, que a regra é *pagar e pagar*.

Objeta-se com muita ênfase aos ingleses a guarnição que meteram em Goa, e na Ilha da Madeira, no principio deste século. Mas todos sabem que foram medidas de precaução, salva a harmonia e boa intelligencia com o nosso governo, para se prevenir as traiçoeras surpresas do inimigo; sem todavia em coisa alguma se diminuir a integridade da administração civil dos respectivos territórios, e menos atentar-se contra a soberania da Coroa. Se de próximo aquella ilha foi tomada por expedição militar, ninguém ignora a causa, e que também se restituiu, logo que sua majestade britânica se certificou das intenções de seu fidelissimo aliado. É bem notório que, durante a neutralidade, os ingleses muito respeitaram a nossa bandeira, não obstante ser certo, e por eles não ignorado, que frequentemente cobria o comércio dos franceses e espanhóis, que não achava abrigo nos navios de outras nações neutrais. É por esses caracteres capitais que se deve avaliar a politica dos governos, e não por escuras anedotas, vagas suspeitas, fatos exaggerados, e ainda reais incongruências, que só podem ser objeto de explanação, ou satisfação. Nem entre os particulares e amigos se deixam de revelar algumas asperzas de gênio, e differenças de obrar e pensar. É quimera requerer perfeição ideal nos homens; ótimo é o que tem menos defeitos.

Diz-se que a amizade dos ingleses, e a proteção do seu governo a nosso respeito, tem sido interessera. Foi sempre o interesse que ligou indivíduos e Estados. Nas coisas humanas a carência e conveniência reciproca constitui a mais sólida garantia da perseverança das uniões de toda a espécie. Só o favor

e auxilio do Onipotente é gratuito. Felizmente os interesses políticos e commerciais da Grã-Bretanha nesta época coincidem e ajustam-se com os nossos o mais exatamente que se poderia desejar. Uns e outros estão de tal modo identificados, que há toda a razão para esperar, até a mais remota posteridade, sempre enérgica, e fiel cooperação do seu governo, para o esplendor do império lusitano.

É difficil decidir sobre a equação das reciprocas utilidades dos dois Estados na magnânima resolução de s. a. r. em retirar-se para o Brasil. Sem diminuir um ápice da grandeza do obséquio de sua majestade britânica em sua benigna influencia em tal expedição; não é menos evidente, que o nosso augusto príncipe, derribando o artefato do inimigo, também eficazmente concorreu para obstar aos seus posteriores projetos de invasão da Grã-Bretanha, abrindo o vasto mercado da América do Sul aos ingleses, e facilitando-lhes não menos todas as operações milliares para a segurança do seu império na Índia.

Finalmente é incontestável que a nação inglesa se distingue em firmeza de caráter, generosidade esclarecida, exaltado ponto de honra, e até no nobre timbre de conservar amizades hereditárias. Quanto mais seguros e seguros se deve presumir que sejam esses senlimentos no seu governo, que brilha no universo como a cidade sobre o monte a quem o sol illumina; e que não só promove o progresso das ciências de um modo superior, e especialmente as politicas que tendem à perfeição do regime social, mas que até permite, e se faz glória, que as grandes questões dos interesses das nações, e dos seus próprios atos diplomáticos, se deliberem publicamente, sem receio de fogações, e do espirito de contradigão, a fim de que se apure e propague a verdade por mil veiculos do prelo, e commercio! Que é dado à fraca previdência humana se não o conjeturar do passado ao futuro? Se a essas observações especificas, que immediatamente nos tocam, se acrescentarem as geraes, que manifestam o sistema politico da Grã-Bretanha a respeito das nações civilizadas, a tese proposta pode dizer-se que tem o rigor de demonstração.

O governo britânico não carece de apologistas: ele tem-se justificado face ao universo. Portanto só indicarei algumas razões mais óbvias, para desabusar o vulgo de illusões grosseiras.

Quando não tivéssemos a antiga aliança com o governo britânico, para a crise actual, se fazer reta escolha do partido politico, bastaria advertir que a França se propõe, sem máscara nem rebuço, a universal conquista, e dominação, e a Grã-Bretanha simplesmente o commercio, e riqueza; aquelle concebido pelos soberanos das nações, e esta adquirida por sua industria, e leal ajuste com os povos.

⁵⁵ "Aurum et opes, praecipuae bellorum causae." Tacitus. ["O ouro e a riqueza, as principais causas das guerras."]]

Logo à primeira vista é manifesto que o governo francês projeta opprimir e arruinar, e o governo inglês tratar amigavelmente; e fazer prosperar todos os Estados. Uma nação que só pretende comércio não pode obter riquezas por esta via, senão por câmbio de equivalentes; e isto não se pode verificar em considerável dose, sem que se excitem nos respectivos países com quem trata, proporcionais grãos de energia produtiva de bens da vida. Ao contrário, a que se propõe conquista sobre as nações civilizadas, não pode ter em desígnio senão turvar a ordem estabelecida, extorquir-lhes as riquezas, dispor dos braços das gentes do país para a execução dos seus projectos, forçar à sujeição e obediência com maior número de tropas, e rigor de penas; o que, além de abater os ânimos, e tirar toda a confiança entre o governo e governados, faz perder a proporção entre o número dos que consomem e dos que produzem; do que resulta a geral miséria. Assim é claro que os princípios da política britânica são sociais e filantrópicos; e os da França hostis e desumanos.

A França propõe-se introduzir em todos os países o seu *Mano Alcorça*, e estabelecer ainda maior, e não menos tirânico *creante alomana*⁵⁶, sem haver a menor contemplação por leis, usos, climas e opiniões dos homens.

Em Milão se decretou o castigo das bastonadas e serem os chamados países rebeldes, isto é, os leais a seus antigos soberanos, tratados como colônias e já em Nápoles se executou a horrível empalação. Tais crueldades da Turquia e Caffaria são vistas na pátria de Beccaria e Flangieri. Eis a sorte das nações caídas sob o jugo francês. A experiência mostra que a França trata com a mesma iniquidade amigos, neutros e inimigos. Veja-se o que aconteceu à Prússia, que tanto a obsequiou e à Polónia, que lhe abriu os braços.⁵⁷ Onde ela influi, ou suas armas penetram, tudo é perdido, até a honra e o entendimento, pois se indigna, e persegue os habitantes dos países espoliados e arruinados por seus exércitos e proibição de comércio, sem mais culpa que reconhecerem a própria desgraça, e se esforçarem por fugir da atroz tirania.

⁵⁶ O Alcorão, livro sagrado do islamismo, é aqui usado como metáfora para designar o autoritarismo das leis publicadas pelos revolucionários franceses de 1789. Refere-se à lua crescente com a estrela da bandeira do Islã. (N. do org.)

⁵⁷ Barri Saint Vicent, na sua obra publicada em 1802 sobre as *Colónias modernas*, a respeito da Espanha, diz na página 167: "Ses états, même ceux d'Europe, sont à la merci de la premiere puissance qui voudra s'en eparer. Ceux d'Amérique seront, quand la France le voudra, un ferme etc." Mas a brillosa nação espanhola, a meu ver, ainda tem energia para não sofrer o jugo estrangeiro.

A nação francesa sempre foi belicosa e a guerra tem sido o seu principal negócio. O projeto de monarquia universal, que fermenta na França desde o seu rei Luís XIV⁵⁸, reviveu agora com centuplicada força, porque os entusiasmos revolucionários, com sacrifício de milhões de vidas, abateram todos os baluartes da Europa, ou os puseram em poder dos que se têm sucessivamente apoderado do governo do país. O atual chefe da nação, que presume sobreexceder César e que seguiu o seu exemplo, nada julgando feito, se alguma coisa resta a fazer, sem dúvida não proporá ao Senado Consulto de Augusto conter os limites do Império. Ele já domina o Tanais até o Bósforo, não achando quem lhe resista, pela quase geral estupefação e portento-indiferença dos povos, e aspirantes à fortuna por súbitas mudanças, sem que tão repetidas experiências os desenganem de seus errados conceitos, e falsas esperanças. Só o governo britânico o pode fazer parar na carreira, não se horrorizando com o meteor, que há de passar como os outros.

A nação inglesa, contente com a feliz situação das suas ilhas, que lhe facilita o comércio do Orbe, não tem, nem pretende ter, um palmo do continente europeu, à exceção de Gibraltar, por impolíticas provocações da Espanha. E ainda assim só o conserva para segurar o seu comércio no Mediterrâneo. As possessões que tem nas Índias Ocidentais procedem da mesma causa, e das guerras felizes que tem sido obrigada a sustentar contra a França. Nem se diga, que a moderação dos ingleses na Europa é por impotência de fazer as conquistas porque a história mostra os prodígios de valor nos seus antigos frequentes desembarques na França. Não há quem ignore as suas proezas no tempo do chamado *Príncipe Negro*, e de Marlborough⁵⁹. A presente tática de atacar por colunas é mera cópia da prática dos ingleses na célebre Batalha de Fontenoy, em que assombraram os mestres da guerra, e os mais valentes capitães de França. Hoje porém o seu governo tem reconhecido o absurdo das correrias terrestres, e não aspira à triste glória de empobrecer as nações e destruir vidas sem conta. Quer que a sua gente se ocupe para o bem geral da humanidade em trabalho produtivo. *Comércio, comércio* é, por assim dizer, o *anto geral* do dia de sua milícia pacífica, que sem tropas, nem espíais, faz pôr em ativo e útil movimento os industriosos de todos os países, para colherem, e trocarem em boa-fé, os dons do dador de tudo em qualquer lugar da terra.

⁵⁸ Luís XIV (1638-1715), rei da França de 1643 a 1715. No plano externo, buscou estabelecer a hegemonia da França na Europa. (N. do org.)

⁵⁹ John Churchill Marlborough (1650-1722), militar inglês. (N. do org.)

Mas supondo-se que a Grã-Bretanha está na impotência de fazer conquistas na Europa, esta mesma feliz impotência constitui o seu governo no árbitro das nações cultas, e lhe assegura o honorífico posto de seu defensor. E tal tem sido o uso que tem feito de suas riquezas, só intervindo nas guerras para se opor à desmedida ambição da França, e manter o equilíbrio das potências, que antes subsistia (mais ou menos perfeitamente), e que era tão favorável à geral tranquilidade, indústria e opulência. Por esse equilíbrio, a civilização tinha já feito quase iguais progressos nas partes mais nomeadas da Europa; de sorte que, sair de uns Estados para outros, apenas parecia haver-se mudado de língua, clima e domicílio. Dando-se os devidos descontos aos defeitos das instituições humanas e abusos inveterados, em qualquer país de governo regular se achava a mesma urbanidade, fácil acolhimento de estrangeiros, energia, emulação nas artes e ciências e os idênticos princípios de justiça. A revolução da França e a ambição do seu governo veio desordenar tudo, e obstar aos possíveis melhoramentos, encadeando o comércio, e consituindo o império francês um poder colossal, composto de partes heterogêneas com antipathias invencíveis, em que só predomina violência e simulação.

É contra a vontade histórica e contra a natureza das coisas attribuir-se à Grã-Bretanha as calamidades da Europa, e o ser a causa e ter interesse de perpetuá-las. O governo inglês não foi o agressor da guerra, nem infrator da Paz de Amiens. Se declarou aquela, foi já no ano de 1792 quando os revolucionários, orgulhosos com a vitória de Gemape, praticaram a mais tremenda agressão a todas as nações civilizadas, não só ameaçando com a desorganização dos Estados do continente, prometendo dar proteção aos novadores e rebeldes de todos os países; mas até fazendo notórias maquinações para excitar insurreição na Grã-Bretanha, insultando ai por emissários o seu espírito de vertigem que constituiu o próprio país num inferno de viventes, governado por um Pandemonion igual ao que o poeta Milton descreve no Caos. Então o governo britânico esforçou-se para apagar a chama dentro dos seus Reinos, e atalhar que não lavrasse com mais violência fora.

A boa-fé do governo britânico depois da Paz de Amiens manifestou-se na pronta entrega do Cabo da Boa Esperança e do Egito. Mas como entretanto o governo francês invadiu a Suíça, reteve as suas tropas na Holanda, apoderou-se da principal parte da Itália e fez as alerações tão notórias do tempo, contra a letra e espirito daquele tratado, e até declarando em ato público Paris, *Capital do Mundo*, e instalando o governo inglês contra esses procedimentos, deu-se-lhe com sarcasmo a resposta de que eram bagatelas, foi forçoso não entregar Malta; e seria imbecil o ministério se não procurasse atalhar os vôos das novas águias do verdadeiro violador da paz simulada, que

mostrava só calcular a força que tinha nas mãos, procurando iludir os mais crédulos, e não sendo retido por alguma consideração moral. Só míopes políticos, ou fascinados com os presérgios da mágica do dia, podiam não penetrar nos desígnios de um inimigo tão ativo e empreendedor dos projetos mais extraordinários e incogitados.

Também só os que tiverem perdido a razão podem sustentar que à Grã-Bretanha interessa a guerra. Esta destrói mil vidas e riquezas, e obsta à sua reprodução. Em tempo de guerra grande parte dos braços e capitais dirigem-se para obras improdutivas, ou destrutivas, e não se podem produzir e fabricar as mercadorias de geral gosto das nações civilizadas. Como poderiam os ingleses achar conta em commerciar com países devastados? Que se pode tirar de indigentes? O seu evidente interesse é que todas as nações prosperem, para lhes bem pagarem os produtos de sua terra e industria. A guerra, longe de aumentar as suas riquezas, tem-nos empenhado em grandes remessas do próprio cabedal, para se pagarem os exércitos das potências que auxillou. Enquanto os ingleses não perderem o espirito mercantil e naval, enquanto conservarem a sua Constituição, que dá alhvez aos ânimos e contínuos meios de adquirir intelligencia, donde vêm todos os bens da vida, enquanto proseguem no sistema de trabalharem com o maior número possível de máquinas, para serem mais perfcias e baratas as suas obras; enquanto, pela superioridade de seus capitais, puderem fiar, e fazer longos créditos de suas fazendas às demais nações, estas necessariamente preferirão o seu mercado, e nenhum concorrente os rivalizará com successo.

Por essas razões até a mesma França não pode passar sem o comércio inglês. Leia-se Simonde⁶⁰, economista francês deste século, na sua obra da *Riqueza commercial*. Ele é membro de um tribunal de comércio daquele país, e não é crível que exaggerasse os fatos e faltasse à verdade. Ali afirma que, não obstante as mais severas proibições do governo francês, a França recebia grandes proveitos do contrabando inglês, que já estava reduzido a um comércio regular ao abrigo dos seguros simulados. Por este, várias fábricas da França arruinadas começaram a reviver. O crédito das manufaturas inglesas era ali tão exaltado, que um dos membros do governo, inspector das fábricas S. Angely, requereu uma lei contra os fabricantes que dizia serem indignos do nome francês, por falsificarem as fazendas da própria fábrica, sortindo-as com as inglesas, para acharem venda. Isto consta dos papéis públicos.

⁶⁰ Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi (1773-1842), economista e historiador suíço. (N. do org.)

Os fácciosos e mercenários ecoss políticos atáctam temer a ambição inglesa e caluniam o seu comércio, cegando-se sobre o que se vê passar ante os olhos de todos nos mais bellos países da Europa. Onde os ingleses comerciavam com mais franqueza, como na Holanda, e cidades marítimas daquelle continente, e da América do Norte, a industria e riqueza do país era mais enérgica e progressiva. Por toda a parte onde entram suas embarcações e fazendas, não fazem mais que oferecer a venda das mais úteis, variadas e lindas obras da natureza e arte, trocando-as principalmente por materias de manufacturas, artigos de subsistência e outras produções dos países com que tratam; e nisso não fazem a menor violência, só seguem a demanda efectiva, já declarada do lugar, ou povoação, pela oferta espontânea e innocente; não offendendo, nem repellido os compellidores nacionais ou estrangeiros.

Onde porém entram os exércitos franceses, não se vê senão extorsão, pobreza, miséria, destruição do crédito particular e público, prohibição do comércio exterior, e horroroso marasmo mercantil, imagem da morte social. Por único equivalente, do que espoliam os soberanos e povos, só ofertam baioneta, cega obediência, recruta; e do contrário, arcabuzada, fome, desespero. Se ali se faz algum comércio, é avesso, e contra os hábitos dos povos, e naturais relações estabelecidas; o que necessariamente deve influir na inferioridade e imperfeição dos productos. Bem já observou um dos homens illustres da França, Fénelon⁶¹, que o comércio é como a fonte pura, que seca, ou se obstrui e corrompe, quando se turba a sua matriz, ou se veda, e corta a sua natural corrente.

A accusação de monopólio que se faz aos ingleses (prescindindo-se da Ásia, onde todas as nações o têm praticado, quando puderam) é uma calúnia a mais fementida, e que se desmente pelo *Grande Tratado Moral*, que está aos olhos de todo mundo.

Como é possível imaginar monopólio e consequentemente conspiração e conluio, em milhares de navios e comerciantes ingleses residentes em tão variados e remotos lugares, ou vindo a tão diferentes portos da Europa, tendo os indivíduos tantos caracteres particulares, e diversificando os seus meios, créditos e recursos, para não poderem vender as respectivas mercadorias aos mesmos preços e termos? Quanto mais extenso e ramificado se considerar o comércio dos ingleses na Europa, tanto menos é praticável alguma combinação odiosa contra a generalidade dos consumidores de todos os países.

⁶¹ François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651-1715), prelado, politico e escritor francês. (N. do org.)

Se eles excluem alguns concorrentes no mercado geral, não é por força física, illegal, e de autoridade pública (pois não podem obrigar pessoa alguma a comprar-lhes o que oferecem, principalmente onde não têm privilegio por tratado, ou extraordinários favores dos governos), mas fazem-no por uma força moral, irresistível e benéfica a todos os países, pela relativa superioridade e barateza de suas fazendas; o que é de evidente cômodo, ainda às infelizes classes. Acresce (em geral) a sua boa-fé mercantil e a franqueza e possibilidade de adiantar fundos a razoável interesse às nações onde têm vastos estabelecimentos e correspondências regulares. Se assim não fosse, como é possível entender tão voluntária, successiva e obstinada demanda e freguesia que os ingleses têm em toda as partes da Europa, e ainda na França que, sem embargo de todas as violências e seqüestros e tantos cordões de tropas, tripas linhas de allândogas e contínuas tomadas, não se tem podido de todo obstar à importação de mercadorias inglesas, nem cortar os invisíveis fios do seu câmbio com todos os Estados? Donde vem a universal ilusão de querer tanta gente não só comercializar com os ingleses e dar-lhes o seu ouro, mas até se espontaneamente levarem os seus tesouros para os bancos da Grã-Bretanha? Como se pode explicar este assombroso monumento de crédito público, sem se reconhecer candidamente que na nação inglesa predominam os princípios fundamentais da justiça natural, civil e politica e que consequentemente a moral nacional está sobre as mais sólidas bases?

Por que nunca pode a França obter igual crédito, nem ainda no próprio país? Na sua pomposa *Estatística* que deu à luz (que não ilude a ninguém de senso comum), ela assualha o seu famoso Banco de Paris, como um estabelecimento o mais bem fundado e esperançoso. Mas esse filho espúrio, ou antes informe abortio de rivalidade, e imitação dos ingleses, foi sufocado logo no nascedouro.⁶² A razão é peremptória. Espírito de comércio e regime militar, são incompatíveis. Dizer-se à industria e comércio, que se vão abrigar onde

⁶² Aos que duvidarem do fato remeto para as folhas públicas do ano de 1806, e até para o nosso *Comercio Mercantil* de 10 de junho do mesmo ano, que se refere aos papéis officiais de Paris de 8 de maio. Eis os termos: "O imperador quis examinar a natureza e extensão do descrédito, que experimentou o Banco. O seu destino era realizar o crédito geral. A direção do Banco incorreu em infrações capitais: 1^o) não devia admitir as letras de circulação, criadas collusionariamente entre as partes, sem causa, nem valor real; 2^o) não devia attribuir aos acionistas direito algum especial ao desconto em razão de suas ações; 3^o) devia estar sempre disposta a trocar os seus bilhetes à vista, e regular a sua emissão conforme esta obrigação. O Banco faltou successivamente a tudo isto".

prevalece um poder que faz a sua vontade a suprema lei, que proíbe, ou paralisa a seu arbítrio o trato humano, é o mesmo que dizer à pomba e ao cor-deiro, que vão descansar na vizinhança do açor e do lobo.

A França argui a Grã-Bretanha de atacar a liberdade dos mares, visitando e apressando os navios neutros, que cobrem a prosperidade inimiga. Diz que é de direito das gentes e lei das nações civilizadas, que a bandeira neutra faça a propriedade neutra.

No tempo de paz o governo inglês não obsta ao comércio das nações, nem tolhe a liberdade dos mares. Mas no tempo de guerra considera-se com direito de visitar e apressar os navios neutros que cobrem a propriedade de seus inimigos, isto é, da França, e dos que ela atraí a seu partido e igualmente quando intentam ir a portos bloqueados. A mesma França e Espanha estabeleceram esse arresto, quando tiveram grandes forças navais, e sem aliás terem igual necessidade, pois a independência dos seus Estados era segura. Agora se a França, pelo quase irresistível ascendente de suas arma, pode invadir toda a Europa, é evidente que, se as nações neutras lhe levarem tudo que ela precisar, e cobrirem o seu comércio, não tendo em consequência deprimimento considerável nesta parte (onde só, e mais eficazmente, pode ser atacada), não porá termos às suas pretensões e conquistas. É claro que tais nações, por cobiça mercantil, sacrificam todas as outras à França, e até a si próprias, e fazem aos ingleses (como eles dizem) guerra em disfarce, pois, de fato, se constituem as aliadas mais úteis à potência que oprime a todas no continente, e vêm a constituir-se cúmplices, e feitoras da sua universal usurpação. E, tendo toda a nação direito, como cada indivíduo, a manter a sua existência, o governo inglês se considera obrar pela lei suprema de defesa nacional, e salvação do povo, para obstar que seja iludida e atacada por este doloso expediente das nações neutras.

As conquistas da Grã-Bretanha na Índia têm procedido das guerras da França, e de suas intrigas com os príncipes asiáticos. Elas não ofendem as potências da Europa, nem diminuíam o seu poder relativo; antes as riquezas que dali se tiravam têm servido para auxiliá-las contra a França. Se, como diz o seu acima citado mestre de política, o *Despotismo se tem immoventemente naturalizado naquella pátria*, a humanidade ganha em que os povos estejam sob o império de uma nação tão civilizada e comerciante, que pode, e de fato, mais que alguma outra, tem já muito contribuído para a prosperidade dos povos dessa rica península. Das nações que têm invadido os seus territórios, a que se pode considerar inocente atire a primeira pedra contra o governo inglês. Quem ignora o que fizeram os franceses e holandeses nas possessões que tiveram na Ásia? Fomos também ali nós sem mancha?

É bem notório que nos países sujeitos à Grã-Bretanha se tem com o tempo diminuído muitos abusos e barbarismos dos potentados, do povo, dos agentes do governo. Os ingleses têm com a maior curiosidade e diligência procurado traduzir e dar à luz os livros das antiguidades, e religião dessas gentes. Eles têm em Bengala academias para se aprenderem as línguas dos indígenas. Eis ótimos anúncios e preparativos do progresso da civilização de toda a Ásia! A nossa gente que vai aos estabelecimentos ingleses tem recebido a regularidade do seu regime, e como dão eficaz proteção ainda às mais desvalidas classes dos naturais do país contra toda a violência.

Os que requerem disto maior prova, leiam Page⁶³, escritor de economia política francês deste século e verá o que, apesar da animosidade das duas nações rivais e parcialidade dos franceses a seu país, ele confessa a superior inteligência e liberalidade de princípios do governo da Grã-Bretanha nessas partes, comparadas com as das demais nações conquistadoras. Basta notar, que estando antes os povos da Índia sob o jugo dos soberanos despóticos, de modo que até estes eram os senhores de todas as terras, e os lavradores mal podiam por arrendamentos precários dos grandes monopolistas renderem os Coroi; hoje a companhia inglesa as dá por contratos enfiteuticos, como entre nós os prazos e aforamentos, passando aos colonos o senhorio útil, ficando aquela somente com o senhorio direto. Assim os povos são animados a fazerem com segurança as benfeitorias mais úteis, crescendo em consequência a riqueza particular e pública.

Além disso, pelo gênio mercantil, e indústria manufatureira dos ingleses, é constante que as fazendas e obras das artes refinadas da Grã-Bretanha acham hoje troco e grande valor nos mercados da Índia, e são do uso comum dos ricos comerciantes e senhores da terra, o que é do melhor agouro ao progresso da comunicação e consequente civilização dos povos. Eles também já têm já estabelecido o sistema de crédito da Metrópole, não obstante os defeitos e abusos da sua companhia exclusiva, que não foi só invenção inglesa, mas também da prática francesa, quando tiveram territórios na Índia; e Aquentil du Perron ainda nestes últimos tempos, dando um plano ao governo para restabelecimento de suas possessões nessas partes, aconselha a criação de igual companhia, esforçando-se em provar a sua necessidade.

Os nossos interesses do comércio não sofrem por isso de modo visível, antes, ao contrário, é notório que as fazendas inglesas vindas da Ásia se ven-

⁶³ Pierre-François Page (1764-1805), autor do *Traité de l'économie Politique et de son étendue dans les colonies* (1801-1802). (N. do org.)

dem muito mais baratas na Europa do que nós o podemos fazer no Reino, indo ali buscá-las em direitura com tantos riscos, remessas de ouro e prata, e empate de capitais. Bem mostra Smith que o comércio de lugares tão remotos só pode ser feito com vantagem por nações de grandes fundos e que melhor seria às outras, que mal têm com que cultivem as suas terras, e manufaturem algumas obras ordinárias, comprar antes alguma coisa mais cara as drogas da Ásia, e não desvañar seus capitais das direções mais naturais, e importantes do próprio país. O mal está em quererem todos ter tudo sem iguaes meios: daí nascem os conflitos, ódios e pretextos de queixa e guerra.

O ataque que os ingleses fizeram às fragatas espanholas plenamente se justifica pelos antecedentes fatos da mais visível e decidida agressão da Espanha, pois fazia notórios armamentos das suas esquadras em Ferrol no seio da paz com a Grã-Bretanha e constando a toda Europa que a França ali dispunha a seu arbitrio das forças do Reino. O governo da Espanha só respondeu com evasivas às notas urgentes do governo inglês como se vê dos officios que o governo britânico fez publicar. Armamentos e provocações são as verdadeiras declarações de guerra, e não os simples manifestos. A infelicidade da fragata que vou não era da intenção dos ingleses, que só pretendiam impedir que a Marinha e o erário da França se aumentasse com novos vasos e tesouros. Se a Espanha, que já tanto figurou na Europa, se quis prostrar à França e assim envolver em igual ruína outras potências, a Grã-Bretanha devia prover a sua segurança e honra, não poupando a inimigos paliados.

O bombardeamento de Copenhague é doloroso à humanidade. Mas para se justificar como necessidade política, basta a confissão da França; pois decretando o seu governo de próximo uma nova recruta de 80 mil conscriptos, diz o relator do projeto, o ministro da Repartição da Guerra, que a "rapina que os ingleses fizeram na marinha dinamarquesa e de Portugal, não deixaram a Europa sem naus para a invasão da Grã-Bretanha". Eis a evidente prova de intenção do governo francês de se apoderar da Marinha das potências da Europa, que não lhe podiam resistir, para com ela completar o seu público plano de invasão da Inglaterra. Em tal caso é injustiça culpar o governo inglês que oferecia a restituição da Marinha da Dinamarca, e que só destinava remover a própria ruína. O governo dinamarquês opunha a sua honra à existência da nação britânica, e reduziu o almirante da expedição à horrível extremidade de o compellir à entrega das forças navais que de certo cairiam em mãos do inimigo, que estava nas vizinhanças, e que tinha consituído imminente e inevitável o perigo, se não fosse oportunamente prevenido. Elle podia dizer com Tito ante os muros de Jerusalém. Céus! O crime não é meu.

Pretende-se assustar as fantasias exagerando-se o horrífico poder da França, receando-se que o governo inglês ceda, ou sucumba, tendo contra si confederada toda a Europa. Não tenho presunção de ver no futuro. Mas, como o drama não findou, será sempre pio voto agurar bem à humanidade, que será oppressa, ou melhorada com a queda ou vitória da Grã-Bretanha. Persuado-me que a Augusta fábrica da majestosa Albão não será derrubada pelos vândalos modernos. Quem pôde suster os ímpetos da anarquia revolucionária da França, também saberá opor barreiras à sua tirania militar. O combate é entre a intelligência e a frenesia. Confederações violentadas e illusórias não valem a liga natural e invencível de todos os espiritos retos e governos regulados que olham para o governo inglês, como o salvador da civilização. Será sempre de glória imortal a Grã-Bretanha ter dado ao mundo o magnífico espetáculo de haver protegido a independência de tantas nações iustres. A infelicidade do êxito não escurece a excelência do desígnio. A história consagrou os nomes dos defensores de Roma, ainda que o vencedor das Gálias⁶⁴ triunfasse do Senado. O olho do Eterno sempre estará sobre o universo. Concluirei com um dos orthodoxos poetas da França:

*"Celui qui met un frein à la fureur des flots
Sait auoir des méchants arreter les complots."*⁶⁵

O governo inglês já nos socorreu na grande catástrofe do terremoto de Lisboa⁶⁶, suprimindo-nos do necessário. Agora nos acudiu oportunamente no ainda maior terremoto político, prestando-nos todos os notórios socorros, que a humanidade podia exigir. Eis novos troféus e gloriosos títulos ao nosso reconhecimento. O caráter moral que enobrece os indivíduos, ainda mais realça a honra das nações. A gratidão não é tanto uma virtude como um dever. E quando se trata de benefícios assinalados, só celerados não prestam condigna remuneração ao benfeitor, quando chega a vez de lhe serem indifferentes decisivos sinais de retribuição, com o obsequio afetuosos e elevado. Os nossos soberanos têm erigido o principio em regra legal, esta-

⁶⁴ Referência a Júlio César. (N. do org.)

⁶⁵ Racine. ["Aquelle que pôt un frein à l'ira das ondas sabe também deter os complôs dos malvados." (N. do org.)]

⁶⁶ O terremoto de Lisboa aconteceu em 1 de novembro de 1755, destruindo grande parte da cidade baixa. (N. do org.)

belcendo a nobre máxima de se "não dar azo a carem os homens em crime de ingravidão".⁶⁷

Por esta consideração pois também devemos especialmente com os ingleses, e com plena satisfação e confiança. E se nisso tenho insistido com ardor, é porque sinto ser do meu dever entrar assim com o meu contingente de agradecimento, pelo menos confessando o benefício recebido do governo britânico, verdadeiramente imperial, pois tem delendido, quanto era possível, os Estados cultos; e de uma nação, verdadeiramente grande, pois com seu dinheiro, trabalho e sangue tem feito a guerra aos inimigos do comércio leal, transpassando os mares para fazer reinar a justiça; podendo-se-lhes com ainda maior razão aplicar o elogio que o historiador do império romano fez ao seu governo e povo.

"ESSE ALIQUAM IN TERRIS GENTEM. QUAE SUA IMPENSA. AC SUO LABORE. ET PERICULO. BELLA GERAT PRO LIBERTATE ALIARUM. NEC HOC FINITIMIS. AUT PROPINQUAE VICINITATIS HOMINIBUS. AUT TERRIS CONTINENTI JUNCTIS PRAESTET. SED ETIAM MARIA TRAJICIA. NE QUOD TOTO ORBE TERRARUM INJUSTUM IMPERIUM SIT. SED UBIQUE JUS. FAS. LEX. POTENTISSIMA SINT."⁶⁸

Tito Livio, *História*, liv. 33

⁶⁷ *Ordenação do Reino*, liv. 4., tit. 62, § ult.

⁶⁸ "Existe um povo na terra que pela sua despesa e pelo seu trabalho e perigo, trava combates pela liberdade dos outros. E isto não o separa dos vizinhos, nem dos homens das redondezas, ou das terras unidas ao continente, mas ainda atravessa os mares. Para que não haja um poder injusto em todo o orbe terrestre, mas que em todo o lado o direito, a vontade divina e a lei sejam poderosíssimos."

CARTA DE UM AMIGO AO SENHOR JOSÉ DA SILVA LISBOA

Constando-me que v. m. procura com as suas vastíssimas luzes mostrar a geral utilidade que se deve esperar da ampla admissão de todos os gêneros de comércio nos portos do Brasil, em que há allândegas, sem reserva de nação alguma, que seja amiga ou aliada, bastando qualquer destas qualidades para ser admitida com toda a franqueza e igualdade, me resolvo a comunicar-lhe alguns apontamentos, que fiz ainda antes da faustíssima chegada de s. a. r. o príncipe regente nosso senhor a esta Corte do Rio de Janeiro, e sem ter noticia da benfazeja e assaz luminosa Carta Régia, que se havia dignado publicar durante a sua arribada à cidade da Bahia, com a qual lançou os mais vastos e seguros alicerces da riqueza e opulência do seu império brasileiro, apontamentos que então fiz para serem depois desenvolvidos em diversas Memórias com a extensão conveniente a cada um dos objetos. Como porém o estado da minha saúde, e os negócios que me cercam, absolutamente me privam de executar a tarefa, que me havia proposto, unicamente por satisfação do desejo sincero, que sempre tive de ser útil ao real serviço, e dos votos que constantemente fiz e faço pela prosperidade da minha nação, persuadido de que podem ser úteis e merecem ser desenvolvidos os objetos que me ocorreram, tendo já tido a grande satisfação de os ver em grande parte adotados pelo nosso ministério, por um feliz encontro e congruência de idéias, que freqüentes vezes acontecem, quando se partem de verdadeiros e sólidos princípios, vou comunicar-lhe estes objetos tais se me apresentaram, esperando do seu patriotismo, e luzes, que os desenvolverá convenientemente.

Objetos que dizem respeito ao sistema politico das relações exteriores do Brasil, seja com nações estrangeiras, seja com outros domínios portuguezes.

1^o) O monopólio que Portugal tinha a respeito de ser o único depósito de productos do Brasil, e de que todo o comércio dos domínios ultramarinos